VIVER SEM TRANSGÉNICOS 14

Labregas de todo o país engrossam cada ano o arquivo da Rede Galega de Sementes, onde partilham experiências e variedades vegetais autóctones. Belén Fervenza conta como luitam dia a dia por um mundo sem transgénicos.

A MARATONA DA MULHER 25

A maratona é "demasiado difícil para as mulheres". Esta foi a postura do Comité Olímpico durante os quase cem anos que vetou as desportistas desta prova. A luita das mulheres pola igualdade foi umha corrida de resistência.

"Agronegócio tenta inviabilizar a luta das camponesas por soberania popular e alimentar"

KELLI MAFFORT
Coordenadora nacional do Setor de Gênero do MST
Pág. 12

NÚMERO 132 | 15 DE DEZEMBRO DE 2013 A 15 DE JANEIRO DE 2014 | 2 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

GESTOM DE RESÍDUOS SÓLIDOS E MEIO NATURAL

JUNTA ANTEPOM NEGÓCIO A EFICÁCIA NO TRATAMENTO DO LIXO

O modelo de gestom de resíduos urbanos polo qual aposta a Junta, o conhecido como 'modelo Sogama', resultou num fracasso ambiental e económico. Sogama consiste em dous tratamentos principais: incineraçom e vertido, dous dos sistemas mais poluintes. O recente Plano de Gestom de Resíduos Urbanos da Galiza 2010-2020 pretende avançar na reutilizaçom e reciclagem, mas a única infraestrutura que a Junta defendeu publicamente é mais umha planta incineradora. Porém, diversos coletivos e entidades trabalham em alternativas que permitam um tratamento do lixo respeitoso com o meio natural. / PÁG. 16-17

Junta boicota o 'SOS Monte Pindo'

"Chegam a compará-lo com 'entrar na sua morada pintá-la sem permissom", denuncia a iniciativa de voluntariado / PÁG.6

É precisa umha nova greve geral?

CONVERSA COM UGT, CCOO, CIG, CUT E CNT

Já passou mais dum ano desde a última greve geral. Longe de recuar com a sua política de emprego, o Partido Popular afirma que aprofundará na reforma laboral de 2012. Desde que entrou em vigor a contestada norma, destruírom-se 41.500 postos de trabalho na Galiza e 500.000 no conjunto de territórios ocupados polo Estado espanhol. Como estám a reagir os sindicatos? É necessária umha nova greve geral? Conversamos com UGT-Galicia, CCOO-Galicia, CIG, CUT e CNT. / PÁG. 20-21

GALIZACONTRAINFO

'PROTEÇOM DA SEGURANÇA CIDADÁ'

Umha lei para calar o descontentamento

O conselho de ministros espanhol vem de aprovar o anteprojeto dumha nova lei de 'Segurança Cidadá' que anove a vigente de 1992. A proposta normativa retira do ámbito penal para o administrativo o castigo de atuaçons que até o de agora eram competência da Justiça. Assim, polícias e delegaçons do governo viriam ter na mao o castigarem manifestantes e ativistas com multas de milhares de euros sem juízo. / PÁG. 15

OPINIOM

SOLUÇONS DE EMERGÊNCIA Maria Pampín / 3

PRIMEIRA TESE AZEDA PARA UM CAFÉ TRANSVERSAL por César Caramês / 3

QUANTO MAIS EU BATO [...] Samuel L. París / 28

SUPLEMENTO CENTRAL A REVISTA

OS LOBOS-DO-MAR
João Aveledo relata as visitas às costas galegas de várias espécies de lobos-marinhos, nome popular para as focas

O NOME DA GALIZA
Óscar Valadares aprofunda na etimologia da denominaçom do nosso país e analisa diversas versons exprimidas até hoje

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tés algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, Novas da Galiza reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou extratá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

O TERRÍVEL "LHE"

É sabido que a nossa língua está a ser contaminada polo espanhol desde há séculos, este processo está a se acelerar com a passagem do tempo. De seguirmos assim a nossa língua acabará por ser um crioulo. Duas cousas me resultam graves atualmente por como vão avançando: uma tem a ver com a fonética e outra com a fonologia.

A fonética é a elisão a cada mais frequente do 'd' de cansado, casado, etc. que ficam reduzidos a 'cansao', 'casao', etc.; este é um fenómeno característico do castelhano, ou melhor dito do espanhol já que em muitos falares americanos não se produz. Esta redução é apenas tolerável nas zonas mais orientais do galego, sobretudo em Astúrias. Em Santiago e no resto da Galiza, tal redução é um castelhanismo alheio à nossa língua.

Na morfologia está-se a confundir o objeto direto de terceira pessoa com o indirecto, em vez de lavou-(n)o/a pode-se ouvir lavoulhe (lavou-lhe que? Os pés? Os pratos?).

Este fenómeno dá-se muito especialmente com verbos como "chamar" ou "telefonar". Assim chama-o/a e não chama-lhe ao não ser que lhe chames algo: "chama-lhe burro ao cavalo".

Por isso que num jornal tão preocupado polo galego se se deslize num cabeçalho algo como "Olá, bom dia, ligo-lhe..." resulta terrível. Quê o que se lhe liga à pessoa que esta do outra lado da linha? Claro que um uso correto obriga-nos a conhecer o sexo do nosso/a telefonado/a; com lhe não há que distinguir, será por isso que tem tanto sucesso ou será polo espanhol que nos invade por todos os lados?

Não quero que isto se interprete como uma crítica ao Novas da Galiza mas como um chamado a toda a gente para melhorarmos a qualidade da nossa língua.

Luís Gonçales Blasco "Foz"

PARABÉNS POLA VITÓRIA DO CHAVISMO VENEZUELANO

Os resultados das eleiçons municipais de 8 de dezembro na República Bolivariana da Venezuela confirmam a consolidaçom do processo revolucionário em curso.

Os resultados preliminares emitidos polo Conselho Nacional Eleitoral (CNE) constatam a ampla vitória das candidaturas das forças e organizaçons políticas articuladas no Grande Pólo Patriótico (GPP) que amplia assim a vantagem eleitoral das presidenciais de abril.

Som de momento 210, mais do 75%, o número de presidências de Câmara atingidas polo PSUV e as forças aliadas, das quais 13 correspondem a capitais de estados.

O chavismo logrou 5.111.336 votos (49.24%) e as forças da direita 4.435.097 (42.72%). Outras candidaturas conseguírom obter 833.731 votos (8.03%).

Lamentamos que a oposiçom reacionária e *vende-pátrias* mantenha ainda por umha estreita margem algumhas da principais alcaldias, com destaque para a Alcaldia Metropolitana e Maracaibo, e que conquistara algumhas urbes tam importantes como Valencia, Barquisimeto, Mérida ou Barinas.

Também transmitimos a nossa preocupaçom pola elevada taxa de abstençom, de perto de 40%.

Porém a avaliaçom global é muito satisfatória, pois a direita pró-imperialista fracassou mais umha vez na sua tentativa de derrotar eleitoralmente as forças revolucionárias e chavistas. Nom devemos esquecer que a Mesa da Unidade Democrática - que aglutina os partidos *vende-pátrias*-, pretendérom converter as municipais num plebiscito contra o Presidente Nicolás Maduro e a Revoluçom Bolivariana. O resultado é um novo fracasso do imperialismo ianque e os seus aliados no País.

Os resultados devem servir para aprofundar na via socialista da Revoluçom Bolivariana, avançando a implementaçom do "Plano da Pátria" elaborado polo comandante Hugo Chávez.

AGARB ratifica mais umha vez o seu apoio e solidariedade com o processo bolivariano, com o governo de Nicolás Maduro e com as forças políticas e sociais que o apoiam.

Diretiva da Associaçom Galega de Amizade com a Revoluçom Bolivariana (AGARB)
Xavier Moreda, Coordenador Geral

HUMOR GONZALO

EDITORIAL

Continuamos à espera

"A filiaçom meia à Segurança Social reduz-se quase três vezes menos do que em novembro de 2012". Poucas leitoras darám compreendido na primeira leitura este titular de umha nota de imprensa tirada polo Ministério de Emprego espanhol o passado 3 de dezembro. É normal, pois está redigido precisamente para nom ser compreendido. Da mesma maneira, com a confusom como bandeira, os grandes meios de comunicaçom transladam estas informaçons do Governo ao comum das mortais.

Assim, a mensagem é que a reforma laboral de 2012 foi todo um "êxito" conseguindo que o paro "medrasse mais lentamente do que no ano passado". A inédita queda da taxa de atividade -isto é, de quem trabalha ou procura trabalho- semelha algo secundário. Na Galiza destruírom-se nada menos que 41.500 postos de trabalho desde a entrada em vigor da reforma laboral de Rajoy. "Poderia ser pior de nom houver reforma laboral", dim-nos do PP. Por que poderia ser pior nom o explicam.

E enquanto acumulamos quase tantos parados na Galiza como habitantes tem o concelho de Vigo -277.000 no terceiro trimestre deste ano-, já passou mais de um ano desde a última greve geral, o 14 de novembro de 2012. Uns sindicatos apelam à falta de mobilizaçom ou ao esforço que supom para os trabalhadores e trabalhadoras secundar umha greve, outros à sua própria falta de capacidade para convocar ou à idoneidade da greve tradicional à hora de parar as políticas anti-laborais deste Governo.

O caso indiscutível é que este país vive umha situaçom de emergência social que, longe de ceder, vai-se agravando. Quanto mais se pode aguentar? Até quando? A resposta social nom dá chegado e comunicados ministeriais como o que encabeçava estas linhas continuam a surpreender-nos a cada pouco. A que situaçom havemos chegar para que se dem "as condiçons necessárias" para a greve geral? Avonda com umha greve geral? Continuamos à espera.

EDITORA
A.C. Minho Media

CONSELHO DE REDAÇOM
Iván G. Riobó, Aarón López Rivas, Rubén Melide, Xavier Miquel, Antia Rodríguez García, Raul Rios, Xoán R. Sampedro, Olga Romasanta, Alonso Vidal, Paulo Vilasenin

SECÇONS
Cronologia: Iván Cuevas / **Economia:** Raul Rios / **Agro:** Paulo Vilasenin e Jéssica Rei / **Mar:** Afonso Dieste / **Media:** Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca / **Além Minho:** Eduardo S. Maragoto / **Povos:** José Antom 'Muros' / **Dito e Feito:** Olga Romasanta / **A Denúncia:** Iván García / **Cultura:** Antia Rodríguez / **Desportos:** Anjo Rua Nova, Isaac Lourido e Xermán Viluba / **Consumir Menos, Viver Melhor:** Xan Duro / **A Criança Natural**: Maria Álvares Rei / **Agenda:** Irene Cancelas / **A Revista:** Rubén Melide / **A Galiza Natural:** João Aveledo / **Gastronomia:** Luzia Rgues., Sino Seco / **Língua Nacional:** Valentim R. Fagim / **Criaçom:** Patricia Janeiro / **Cinema:** Xurxo Chirro

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Hilda Carvalho, Joám Fernandes, Manuel Pintor, Helena Irímia

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Zélia Garcia, Borja Toja

ADMINISTRAÇOM
Carlos Barros Gonçales

AUDIOVISUAL: Galiza Contrainfo

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pestinho, Xosé Lois Hermo, Gonzalo, Ruth Caramés, Pepe Carreiro, Mincinho, Beto

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Xiam Naia, F. Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero, Javier Garcia, Iván Velho, José Dias Cadaveira, Albano Coelho

COLABORAM NESTE NÚMERO
Cesar Caramês, María Pampín, Vera-Cruz Montoto, Berta Malvárez, Ramundo Serantes, Tania Garcia, Lara Dopazo Ruibal, Luís Gonçales Blasco, Samuel L. París, Óscar Valadares, Julio Vilariño, Rute André, Susana Sánchez Arins

FECHO DE EDIÇOM: 17/12/2013

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.

OPINIOM

Primeira tese azeda para um café transversal

César Caramês

O sindicalismo convencional nom se ajeita à luita de classes atual.

Seguindo o referente do capitalismo europeu, o modelo sindical que abrolha dos Pactos da Moncloa absorve para o estado a representaçom dos trabalhadores. De armas revolucionárias principais nos esquemas antifranquistas, os sindicatos convertem-se em empresas semipúblicas que canalizam a problemática laboral polos condutos estabelecidos no paradigma keynesiano. A funcionarizaçom dos dirigentes sindicais, a geraçom de dependências económicas e a homologaçom das suas estruturas coas do Estado, marcam a culminaçom do processo. A imagem dumha assessoria combativa mas estreitamente vinculada às margens de representaçom delimitadas polo Estado de Bem-Estar fica mais próxima da realidade do que a evocaçom revolucionária. Do mesmo jeito, o marco que constringe toda representaçom laboral determina também umha centralidade da dinámica eleitoral com efeitos idênticos aos da política institucional. A profissionalizaçom do dirigente sindical, nom a existência de liberados em si própria, produz, inexorável e frente aos filiados, o seqüestro das organizaçons polo seu quadro de pessoal. Consequentemente, as funçons principais de formaçom ideológica e organizaçom da classe trabalhadora em contrapoder ordenado desaparecem da folha de rota quotidiana arrombadas polos ritmos do sistema. O fortalecimento da organizaçom consolida-se como fim em si próprio. O emprego da estética ideologista e da retórica antisistema, reduzidas a rituais unificadores, amortecem os remorsos que provocam as práticas trade-unionistas. A submissom, por dependências partidistas das burocracias dirigentes, aos interesses eleitorais das forças político-institucionais completa o quadro da assimilaçom.

A negociaçom coletiva, a sua principal ferramenta, o operário fordista e o funcionário público, os seus clientes ideais, e o crescimento económico sustido, sobressaem-se como piares deste modelo. Mas em épocas de recessom, o único papel que o capitalismo lhes consente aos sindicatos homologados por ele rebaixa-se ao de reguladores da oposiçom às suas medidas regressivas. As barricadas que exigiam subidas salariais há dez anos brilham pola sua ausência diante dos despedimentos massivos do presente. Por outra banda, um paradigma que parte da presunçom da abundância de trabalho desbota a organizaçom efetiva dos desempregados e precários. Porém, as transformaçons sociais protagonizam-nas os segmentos mais novos da sociedade, as revoluçons nom as empurram as massas de velhotes. Da mesma maneira, a *vanguarda* constitui-se desde os que nom temem perder nada, nom desde os que cedem para conservar o pouco que lhes resta. Por isso, quando no país mais avelhentado de Europa, mais da metade da mocidade se encontra no paro e emigrando, sem possibilidade de organizar-se e ter influência real no esquema sindical que lhes oferecemos, evidencia-se um terrível desajuste entre prática e retórica.

> O novo militante afasta-se do velho quadro submisso à disciplina interna e achega-se ao ativista crítico e consciente

Na apoteose neoliberal, o exército de comerciais especializados no tráfego eleitoral e na negociaçom coletiva inutiliza-se ao perderem estas a sua importância. Da mesma maneira, como ocorria com a representaçom institucional, o monopólio das decisons por umha casta de dirigentes profissionais resulta intolerável para quem está educado em formas participativas de organizaçom no dia a dia. A extensom do direito à educaçom e o salto das novas tecnologias da comunicaçom que impujo a mundializaçom capitalista provocárom inevitáveis mudanças nas relaçons sociais. O novo contexto permite a proliferaçom de modelos de toma de decisom menos hierárquicos paralelos aos reforçados pola irrupçom da internete. Cada vez percebem-se menos necessárias as figuras do intérprete administrador da (in)formaçom e do representante profissional. A corrupçom generalizada do regime espanhol que padecemos alimenta ainda mais esta visom. O perfil do novo militante afasta-se do velho quadro submisso à disciplina interna e achega-se mais ao activista crítico e consciente. Desde esta perspetiva, empregar as paquidérmicas maquinárias sindicais, democratizadas, para a construçom dum tecido popular e protoestatal galego que encha os ocos da despariçom do chamado *Estado do Bem-Estar* espanhol, perfila-se, quiçá, como a melhor saída estratégica.

Soluçons de emergência

María Pampín

A gestom cidadá de sistemas sociais básicos, como o sanitário, deve ser umha exceçom. Umha soluçom de emergência para um momento de emergência. O exemplo de vizinhas gregas que organizam e mantenhem clínicas para tratarem pessoas que foram expulsas do sistema de saúde por nom terem trabalho ou serem migrantes é destacável pola medida que dá da capacidade da cidadania para se auto-organizar, trabalhar, implicar-se, criar redes solidárias e dar soluçons em aquilo em que o Estado se desentende ou se nega a cobrir. As cidadás nom devemos confiar no estado, devemos manter-nos vigilantes, e evitar cair no seu paternalismo ou ser passivos. Há multidom de iniciativas que demonstram que a cidadania funciona melhor que umha administraçom enquistada e das que se deve copiar todo o possível, mas se queremos conseguir um sistema sanitário ou educativo verdadeiramente público e universal, devemos luitar por mudarmos o sistema e fazermos dentro dele espaços que representem todas as sensibilidades e opçons políticas.

> Se queremos conseguir um sistema sanitário ou educativo verdadeiramente público e universal, devemos luitar por mudarmos o sistema e fazermos dentro dele espaços que representem todas as sensibilidades e opçons políticas

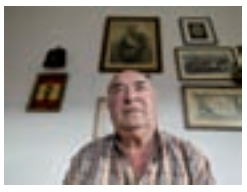
Um centro sanitário auto-gerido pode solucionar o dia a dia de muitas pessoas expulsas ou que se querem manter à margem do sistema. A sua existência nom é incompatível com outras opçons e som também o reflexo de diferentes formas de perceber o mundo que devem ter o seu lugar. Mas estes som um serviço básico que nom pode dar soluçom a problemas maiores, a intervençons, tratamentos caros, investigaçom ou com tecnologia muito cara, no caso da sanidade, e, no fundo, seguem sendo dependentes de um estado corrupto e injusto. Ou, para melhor dizer, dependem do dinheiro, da arrecadaçom dos nossos impostos ou de empresas ou particulares. E antes do anarco-capitalismo, prefiro um estado e uns serviços públicos de verdade ainda que, evidentemente, seja outro tipo de estado.

Umha iniciativa que é soluçom para umha zona, para umha pequena área de influência, depende, pola sua própria natureza de auto-organizaçom, do impulso social para replicar polo território. Isto pode provocar também diferenças muito notáveis dentro de um território e tensons dentro das mesmas iniciativas que podem morrer de sucesso. No caso da clínica grega, por exemplo, os seus médicos voluntários passárom de atender 1.000 pessoas no ano a terem essa quantidade num mês.

É básico o apoio a todas estes sistemas sociais paralelos e auto-gerido, mas se queremos que atinjam todos os níveis das nossas vidas devemos fazer-nos com o estado.

ACONTECE

O ALCAIDE DE BEADE RETIRA A SIMBOLOGIA FASCISTA



Senén Pousa, alcaide de Beade, anunciou a retirada da simbologia fascista do seu escritório no concelho. Fijo-o aproveitando as obras no consistório, depois de que o passado 7 de outubro um explosivo causasse destroços consideráveis no prédio.

500.000 EUROS PARA CAMIOM ANTIDISTÚRBIOS

O Ministério do Interior vai pagar até meio milhom de euros por um camiom com dispositivo de água a pressom. O Governo gastou 3,26 milhons em equipamento em 2013, vinte vezes mais do que em 2012.

Concentraçons polo achegamento nos concelhos dos presos independentistas

A PLATAFORMA 'QUE VOLTEM PARA A CASA' PROMOVE CAMPANHA DE SOCIALIZAÇOM

NGZ / A Plataforma Cidadá 'Que Voltem Para a Casa!' começou neste mês umha campanha de concentraçons diante dos edifícios dos concelhos de origem dos presos independentistas. Com ela procura "socializar a sua situaçom penal e denunciar diante da vizinhança a vulneraçom dos seus direitos fundamentais". A campanha vai vir acompanhada da apresentaçom de moçons reclamando "o seu achegamento à Galiza e o respeito dos seus direitos", para o que a plataforma realizou previamente umha série de contatos com representantes políticos. Ao fecho desta ediçom tinham sido realizadas concentraçons no concelho de Vigo, de onde som vizinhos 'Teto' Fialhega e mais Xurxo Rodrigues Olveira, no de Compostela, onde reside a família de Eduardo Vigo, e em Ames, a onde pertence a paróquia de Quistiláns de onde provém Hadriám Mosqueira Paços, 'Senlheiro'.

Foi no remate desta última concentraçom, autorizada como o resto, que a repressom espanhola se fijo notar, ao realizar vários registos de veículos ocupados polas pessoas solidárias que se tinham deslocado à concentraçom. Nas primeiras semanas do inverno relizarám-se também as concentraçons ante os concelhos de Teu, reclamando o achegamento de Antom Santos, e mais Ordes, em solidariedade com Carlos Calvo.

Em preparaçom mais umha Marcha às Cadeias

A plataforma de familiares e amizades anunciou também que será quem este ano se encarregue da organizaçom da caravana solidária às cadeias em que se encontram retidos os presos independentistas. Toma assim o relevo neste labor do Organismo Popular Antirrepressivo Ceivar, que por sete ediçons foi o responsável polo trabalho de achegar ativistas exprimirem a sua solidariedade e apoio aos prisioneiros.

Segurança privada poderá patrulhar as vias públicas para deter cidadaos

NGZ / O Partido Popular vém de aprovar no Congresso dos Deputados espanhol, com o apoio do Partido Nacionalista Vasco e a 'Convergència i Unió' catalana, umha nova Lei de Segurança Privada. Esta virá, logo do seu passo polo Senado, conceder competências policiais a vigilantes da empresa privada.

Nomeadamente, os guardas vam poder identificar, registar e deter pessoas em espaços abertos, "contando com autorizaçom prévia" e, aclara, em coordenaçom com a autoridade competente".

O governo poderá autorizar estas polícias privadas "em polígonos industriais e urbanizaçons e nas suas vias de uso comum"; "em áreas comerciais pedonais"; e "em acontecimentos desportivos, culturais ou quaisquer outros eventos de relevância social que se desenvolvam em vias ou espaços públicos". Por se nom for avondo, a lei reserva a possibilidade de estender as autorizaçons à "vigiláncia em espaços ou vias públicas em supostos distintos dos previstos neste artigo". É dizer, qualquer um que o poder político estimar oportuno.

CRONOLOGIA

10.11.2013 / Comunidade de Montes de Cabral rejeita em assembleia o projeto do macrocentro comercial de Porto Cabral em Vigo.

11.11.2013 / M.V.L., vizinho de Lugo de 33 anos, morre depois de ser reduzido pola polícia espanhola.

12.11.2013 / Cámara municipal de Amoeiro anuncia que colocará placas antifranquistas nos monumentos da ditadura.

13.11.2013 / Julgamento polo afundimento do Prestige saldase com umha condena a nove meses de cadeia por desobediência grave ao capitám Apostolos Mangouras e a absolviçom do resto de acusados.

14.11.2013 / Trabalhador de 59 anos morre em Narom ao cair ao chao enquanto pintava umha fachada. Ao dia seguinte, dous operarios morrem na cidade de Ferrol após cair dum guindastre.

15.11.2013 / Valentín Oubiña Mariño, concelheiro do PP na Ilha, demite-se após ser condeado por contrabando de tabaco.

16.11.2013 / Mais e pais concentram-se contra o deterioro das escolas infantis de Conjo e Fontinhas em Compostela.

17.11.2013 / Federaçom Galega de Futebol anuncia que suspende todas as competiçons de base porque a Junta nom abonou o seguro desportivo. Em menos de 24 horas a Junta aceita realizar o pagamento.

18.11.2013 / Guardia Civil despeja os 13 praceiros que permaneciam fechados no mercado de Ponte d'Eume para evitarem o seu traslado.

19.11.2013 / Xaime Quintela Simón, preso viguês dos Grapo, sai da cadeia a consequência da anulaçom da doutrina Parot. A dia 14 saira a também galega Olga Olveira.

20.11.2013 / 16,8 por cento d@s galeg@s está em risco de pobreza, segundo o INE.

22.11.2013 / Demite-se a diretiva de Amigos da Empada de Bandeira.

23.11.2013 / Morre um homem em Sárria após se incendiar a sua granja de polos.

24.11.2013 / Panelada contra os abusos das entidades bancárias reclama em Vigo a anulaçom da "cláusula solo".

POLÍCIA LOCAL DETÉM INDEPENDENTISTA EM COMPOSTELA

Na noite de 10 de dezembro Joanma Sanches era detido pola Polícia Local de Compostela enquanto realizava "trabalho político contra o consumismo", segundo Ceivar. "Si se autolesiona que se joda", foi a contestaçom dos agentes ante as queixas do moço pola violência utilizada. Nom foi libertado até as 14h00 do dia seguinte.

CESADO DIRECTOR DE INSTITUTO POR EXIGIR DOCENTES NECESÁRIOS

O director do instituto da Ilha de Arouça, Alfonso Malvido, foi cesado do seu posto pola Conselharia de Educaçom por demorar um dia em iniciar o curso ao nom contar com docentes suficientes. A CIG-Ensino denuncia que é umha decissom política, contra a defesa que Malvido fazia dumha educaçom pública com meios e pessoal apropriados.

Abre Centro Social Autogerido do Sar em Compostela

A 'CASA DO SAR' PRETENDE IMPULSAR UM COMEDOR POPULAR

NGZ / Os primeiros dias de dezembro assistírom a apertura de um novo centro social no bairro compostelano de Sar. O CSA Casa do Sar, é um projeto dinamizado pola Assembleia Aberta e mais Stop-Despejos, e levou já um ano de trabalhos de restauraçom e acondicionamento da casa em que se situa, que lhes foi cedida por um prazo de vários anos.

O espaço vém mostrar que, contra certos preconceitos, nem todo o que há dous anos foi o 'movimento 15M' ficou completamente dissolvido. Por palavras de algumhas das pessoas participantes do CSA do Sar, "aquilo foi o ponto de encontro" para o cerne do grupo que agora enceta este projeto "para a ajuda mútua sobretudo". O centro funciona desde agora com umha assembleia que tem, entre os objetivos mais ambiciosos, a posta em andamento dum comedor popular "que "transcenda o modelo assistencial".

Três anos da Casa do Vento

Por sua parte, o Centro Social Okupado Casa do Vento também festejou os seus três anos de vida e atividade na cidade. Em três jornadas, a casa acolheu umha noite de cabaré, vários jantares veganos, obradoiros e umha palestra sobre okupaçom.

Associaçom Cultural Azou apresenta-se na vila marinhá de Ribadeu

NGZ / Um grupo de moças e moços vem de fazer pública a constituiçom da Associaçom Cultural Azou, um coletivo da vila marinhá que visa "trabalhar de maneira auto-gerida pola nossa língua e cultura, defender o nosso país através dumha perspetiva feminista e de esquerdas". Começam esse trabalho com um ciclo de 'Leituras Subversivas', para o que vam contar com a presença das escritoras Teresa Moure e María Reimóndez em duas jornadas de dezembro e janeiro.

Tomando o nome dumha expressom própria daquela zona para falar de quem tem muito nervo ou energia, apresentam-se com o manifesto *Defender a alegria*. Declaram-se no texto "de *Cantares Gallegos* de Rosalia de Castro", mas também "do London Calling da The Clash". "Do mundo diverso, erguido, em pé, de As naçons escuras de Vijay Prashad".

O texto invoca a memória de referentes históricos "nacionalistas, socialistas, comunistas, libertários, republicanos", as Panteras Negras, e umha multidom dos projetos de que nos últimos anos se véu dotando a sociedade galega mais ativa. "Hoje, neste cenário de decrepitude total do sistema", concluem, "é necessário erguer novamente os sonhos e as esperanças para defender a alegria e construir, a partir do abaixo diverso, transformador e indignado, o futuro que está por vir".

CRONOLOGIA

25.11.2013 / Uns douscentos vizinhos do Hio (Cangas) deslocam-se a Compostela para reclamarem um novo centro de saúde perante o Parlamento.

26.11.2013 / Um home morto em Vilalba após cair com o trator a um poço de xurro.

27.11.2013 / Seis pessoas detidas no despejo dumha desempregada com tres filhos menores na Corunha, realizado meia hora antes do estabelecido.

29.11.2013 / Pessoal de Sargadelos manifesta-se em Cervo contra o ERE proposto pola direçom para 41 dos 88 trabalhadoras.

01.12.2013 / Milhares de pessoas manifestam-se nas cidades galegas com a plataforma "Nunca Mais" para reclamar "dignidade e justiça" após a sentença do Prestige.

02.12.2013 / Plataforma de Emigrantes Retornados da comarca de Vigo protesta perante a sede de Fazenda para exigir a anulaçom das sançons polas pensons tributadas no estrangeiro.

03.12.2013 / Novagalicia, condeada a devolver 4.800 euros por vender subordinadas a um bebé de quatro meses em Cacabelos (Berço).

04.12.2013 / Direçom da PSA Peugeot Citroën propom aos sindicatos um novo ERE temporal para metade do pessoal na fábrica de Vigo.

05.12.2013 / Representaçom da Iniciativa Galega pola Gratuidade da Sanidade Pública tenta fechar-se no gabinete da delegada da Junta em Lugo.

06.12.2013 / Briga e Isca assinam manifesto contra a constituiçom e pola libertaçom nacional junto a forças independentistas juvenis de todo o Estado espanhol.

07.12.2013 / Mais de 200 cristiaos de base manifestam-se em Compostela contra os cortes, os despejos e o calote aos afetados polas preferentes.

08.12.2013 / Monólito em lembrança aos retaliados pola ditadura na Cruz da Maceira (Marim) aparece pintado com um escudo franquista.

09.12.2013 / Trabalhadores do Grupo Brea realizam escracho contra os despedimentos na sede da empresa e no domicílio do gerente, Pedro Hervés.

EDGEWATER PAGA UMHA REPORTAGEM DA TVG SOBRE MINERAÇOM

Edgewater, empresa promotora do projeto mineiro de Corcoesto, pagou umha viagem da televisom pública a Finlándia para gravar umha reportagem sobre a mineraçom nesse país. AGE pediu a demissom de Alfonso Sánchez Izquierdo, director geral da CRTVG, por pór a canle a disposiçom dumha empresa a cámbio de "agasalhos".

CARGAS POLICIAIS DE VIGO AINDA SEM RESPONSABILIDADES

A manifestaçom convocada o 18 de novembro contra a LOMCE em Vigo saldou-se com vários moços feridos e seis detidos. As forças de segurança espanholas empregarom bolas de matraquilho e de goma nas cargas. Apesar de várias organizaçons ter exigido responsabilidades, até a data nom houve nengum pronunciamento da polícia.

MARIO MACEIRAS DOSIL É SECRETÁRIO DA ASSOCIAÇOM ECOLOGISTA MONTE PINDO PARQUE NATURAL

"No PP crem que o Olimpo Celta é deles, quando só tenhem encomendada a gestom"

A.L. / **A Junta da Galiza comandada polo PPdeG vem de ameaçar com sançons a quem participasse do projeto de voluntariado SOS Monte Pindo, o qual trabalhava na recuperaçom deste espaço assolado polos lumes do verao e que estava a plantar carvalhos e castanheiros nas zonas afetadas. Segundo informou a associaçom Monte Pindo Parque Natural, após esta jogada da Junta incrementárom-se as petiçons de pessoal que queria participar do programa de voluntariado. Monte Pindo Parque Natural leva três anos trabalhando na defesa do chamado Olimpo Celta e batalhando contra umha Conselharia de Meio Ambiente "apodrecida pola corrupçom", indica o Mário Maceiras, quem acrescenta que "somos perfeitamente conscientes de que estamos em guerra, e também de que nom estamos dispostos a perdê-la".**

Qual é o futuro do projeto de voluntariado SOS Monte Pindo após a ameaça de sançons por parte da Junta?

Associaçom, Concelho e Comunidade de Montes estamos a estudar o aspeto jurídico desta paralisaçom e a viabilidade de continuarmos com o projeto sem expor a entidades nem sociedade civil a denúncias. Porém, a atitude da conselharia em todo o que tem a ver com o Monte Pindo fai-nos estudar numha saída definitiva ao conflito, que passará pola rutura do consórcio que desde o franquismo delega a gestom do espaço natural na mesma administraçom que o condenou ao abandono e agora pretende amedrontar aos que sim queremos trabalhar por este espaço.

Como sentárom os argumentos emitidos como o de que o monte "nom é de todos"?

> "Desde abril de 2012 a Junta nega-se a reunir-se connosco"

Nom só esse, mas que chegam a compará-lo com "entrar na sua residência pintá-la sem permisso". No PP consideram que o Olimpo Celta é propriedade particular deles quando só tenhem a encomenda de geri-lo, e estám completamente equivocados. Em realidade o Concelho é titular da imensa maioria do maciço, e outra parte corresponde-lhe à Comunidade de Montes de Caldebarcos; as duas nos apoiam e colaboram connosco neste projeto. É certo que deveríamos ter consensualizado com o gestor o pacote de medidas que estamos a desenvolver, mas desde abril de 2012 negam-se a receber-nos e a admitir-nos como interlocutores, nem a nós nem ao próprio concelho. Para o PP somos o problema porque somos molestos, dizemos as verdades e nom som capazes de acobardar-nos. Estamos afeitos a trabalhar sem um só euro de subvençom e sabem que por aí nom nos podem trincar.

No mês de outubro publicavam-se imagens de cinzas arrastadas até o mar. Fixo-se algo por parte da Junta para previr esta situaçom?

Todas as medidas fôrom puramente estéticas e em contra-ataque aos nossos posicionamentos públicos. Ao dia seguinte da multitudinária manifestaçom de Compostela, helicópteros privados começárom a deitar palha numha ridícula parte do ardido (o 0,16%). Uns dias depois, a seguir do anúncio de que o voluntariado civil de SOS Monte Pindo atuaria no espaço, lançárom umha iniciativa de voluntariado efémera que custou mais do que custaria contratar na zona operárias e operários locais para atenderem a problemática. Apesar dessas açons cosméticas, esta semana declarárom que evitaram o 90% das riadas. Podem enganar aos que só conhecem a realidade polas folhas dos meios de comunicaçom afins, mas nom podem enganar os nossos olhos que vem como meses depois de arder parece que o incêndio rematou ontem.

> "Tem que conhecer-se o volume de negócio após os incêndios"

Olimpo Celta estaria muito menos exposto a um incêndio destas dimensons.

Recentemente apresentastes umha série de perguntas à Conselharia de Meio Rural sobre o custe total do operativo de extinçom do incêndio. Quais som os motivos destas perguntas?

Ante o seu empenho em dizer que o monte arde igual com ou sem proteçom, pareceu-nos interessante obrigá-los a informar sobre quanto custou um gigantesco operativo de extinçom que nom logrou salvar nem um metro de espaço natural, e que estimamos em vários milhons de euros, para poder compará-lo com os zero euros que tinham gastado em prevençom nos anos anteriores. Estamos convencidos de que se umha ínfima parte do delapidado em 5 dias se tivesse investido no ordenamento do monte durante três anos, o espaço estaria infinitamente mais preparado para conter um lume. Ademais, é importante que a sociedade conheça o verdadeiro volume do negócio que para muitas empresas suponhem os incêndios florestais.

Tendes informado no vosso blogue da existência de um informe favorável à declaraçom do Monte Pindo como Parque Natural que a Junta está a ocultar. A que achades que se deve este comportamento da Junta?

Este comportamento deve-se a que admitir agora a validez do nosso argumentário equivaleria a reconhecer o fracasso da gestom ambiental e rural do seu governo. Por isso agora estám enrocados nessa fugida para adiante que já nom crem nem eles, ocultando mesmo a existência de informes técnicos da própria Junta favoráveis às nossas pretensons quando sabem perfeitamente que nom existe um só argumento que desaconselhe a declaraçom do Monte Pindo como Parque Natural. E que de tê-lo feito quando começamos a pedi-lo há três anos o

VII ASSEMBLEIA NACIONAL DE NÓS-UP

Nós-Unidade Popular ratificou a estratégia seguida durante os últimos anos na sua VII Assembleia Nacional. A organizaçom seguirá a aprofundar no independentismo, no socialismo e no feminismo "contra a ofensiva do capitalismo espanhol e da Uniom Europeia". Rebeca Bravo foi reeleita vozeira nacional da formaçom.

NOVA GALICIA BANCO VENDE-LHE PREFERENTES A UM BEBÉ

A entidade bancária foi condenada por um julgado de Ponferrada a devolver 4.800 euros dum contrato de obrigas subordinadas à criança de quatro meses que figurava como ordenante. A juíza nom considerou acreditado que "existise informaçom", ainda que NGB alegara sim tê-la proporcionado através da entrega dum "tríptico".

Concelho da Corunha envia para residência religiosa umha mulher despejada

FORTE DISPOSITIVO POLICIAL EXPULSA VIZINHA DA SUA CASA

NGZ / O direito à vivenda continua a ver-se negado para as pessoas mais desfavorecidas. No passado mês de novembro um forte dispositivo policial de mais de 50 agentes permitiu que umha vizinha da cidade da Corunha, cujos ingressos mensais som apenas de uns 216 euros resultara expulsa da sua casa, na qual residia com as suas crianças. O operativo da Polícia Nacional para efetuar o despejo rematou com a detençom de seis ativistas do coletivo Stop Despejos, e mesmo a afetada foi deslocada do lugar num carro policial.

Os Serviços Sociais do Concelho da Corunha apenas lhe ofertárom a alternativa de umha vaga na residência privada e de caráter religioso. Stop Despejos da Corunha denunciou publicamente que neste lugar, além de nom lhe permitir ter aos seus filhos, exigem-lhe o pagamento de metade dos seus ingressos mensais e a asunçom de horários e normas que, do próprio ponto de vista da afetada, limitam na sua dignidade e autonomia como pessoa maior de idade". Ante isto, a afetada decidiu nom permanecer nessa residência e alojou-se temporariamente na Centro Social Okupado e Autogerido da Palavea, segundo tem informado Stop Despejos.

GALIZACONTRAINFO

Nas últimas semanas tem sido também notícia nos meios de comunicaçom a ameaça de despejo sobre umha vizinha da cidade de Ponte Vedra por parte das Irmás Servidoras de Jesús do Cottolengo do Pai Alegre. Um acordo entre a afetada e a sociedade religiosa que detenta atualmente a propriedade do imóvel em que ela reside garante a permanência da vizinha na casa durante os próximos meses.

Sergas passará pacientes à sanidade privada e pagará as faturas

PP FORÇADO A APROVAR EM SOLITÁRIO A LEI

NGZ / Trasladar pacientes da sanidade pública à sanidade privada e pagar a fatura. Isto é o que fará o Serviço Galego de Saúde (Sergas) a partir de fevereiro, como estipula a Lei de Garantias de Prestaçons Sanitárias. Mais umha vez, o Parlamento aprovou a lei com os únicos votos a favor do PP e os votos em contra de toda a oposiçom.

Assim, os pacientes do Sergas poderám aguardar até 45 dias por umha consulta e 60 por umha intervençom cirúrgica. Passado este prazo, se o Sergas nom atendeu os pacientes, estes serám derivados a centros privados ou concertados; correndo o próprio Sergas com os gastos em última instância.

A realidade é que as listas de espera fôrom aumentando a medida que o Sergas ia sofrendo umha paulatina reduçom de recursos ao longo dos últimos anos. Desde que Feijoo governa em Sam Caetano, os orçamentos para Sanidade diminuírom sobre um 20% e o gasto em pessoal do Sergas sofreu também umha caída semelhante (Novas da Galiza nº131), sendo o resultado umha caída também do número de profissionais sanitários.

No entanto, no canto de a Junta ampliar recursos para que um maior número de médicos poida atender os pacientes dumha forma mais eficiente; com a aprovaçom desta lei, o Sergas utilizará parte dos cada vez mais escassos recursos públicos em pagar as faturas da sanidade privada.

Rejeitamento da oposiçom

Por enquanto o PP vende esta lei como a soluçom às longas listas de espera que se vem obrigados a aturar os pacientes do Sergas, a oposiçom vê um passo mais de cara à "privatizaçom da sanidade".

A vozeira do BNG, Montse Prado, referiu-se à norma como "arma de destruçom em massa da sanidade pública" que vai bater "em muitos cidadaos indefensos". Censurou que esta lei de garantias "nom garante nada" e situa a sanidade privada em igualdade, deixando de ser "subsidiária" da pública.

Da AGE, a deputada Eva Solla criticou que a sanidade privada "aplaude com as orelhas" já que vai poder encarregar-se dos casos "mais rendíveis economicamente" enquanto o Sergas fica "com as doenças crónicas e as intervençons mais custosas".

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a **NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela**

Nome e Apelidos ____ Tel. ____
Endereço ____ C.P. ____
Localidade ____ E.mail ____
☐ NºConta ____
☐ Junto cheque polo importe à ordem da A.C. Minho Media

ASSINATURA

☐ Subscriçom + livro = 35 €
☐ Subscriçom anual = 24 €
☐ Subscriçom + pack bilharda = 30 €
☐ Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €
☐ Assinante Colaborador/a = ____ €

PROFESSOR HOMÓFOBO DA USC SUSPENDIDO DE EMPREGO E SOLDO

Domingo Neira, o mestre da Universidade de Santiago de Compostela que equiparou homossexualidade com pederastia para dizer que ambas som "umha alteraçom congénita" ou um "vício", já foi suspendido de emprego e parte do soldo de jeito provisório. A homofobia do professor saiu à luz graças as alunas da sua turma.

24 HORAS DE VIGILÂNCIA PARA O NENO JESÚS

O Concelho de Compostela teme um novo sequestro do neno Jesus. Um ano depois de que o colectivo 'Fartas' levantasse a figura que representava a Cristo em protesto polos despejos, o consistório colocou um carro da polícia local a vigilar o Belém da praça do Obradoiro todo o dia. Polas noites, a figura será guardada no concelho.

Setor naval de Ferrol intensifica as mobilizaçons polo emprego

MILHARES DE PESSOAS EM MOVIMENTO POLO FUTURO DA COMARCA

NGZ / O naval de Ferrol intensificou as suas mobilizaçons nas últimas semanas, ante as consecutivas mostras de desleixo por parte das administraçons e da cúpula diretiva da sociedade pública Navantia. Assim, umha multitudinária manifestaçom percorreu as ruas da cidade a 1 de dezembro para reclamar soluçons para o desemprego na comarca.

O primeiro golpe descargado contra o setor naval nestas últimas semanas acontecia em Novembro, quando se conhecia que um total de quatro gaseiros, encarregados por Gas Natural e Repsol, se construiríam finalmente em estaleiros asiáticos. Anteriormente, o próprio ministro de Fazenda, Cristóbal Montoro, afirmara que a construçom destes buques corresponderia às fatorias de Navantia, com sede em Ferrol e Cádiz. Outro exemplo das confusas promessas que realizam os dirigentes estatais corresponde à adiada resoluçom sobre a construçom de flotéis para a mexicana Pemex, que finalmente se conhecerá a decisom sobre a adjudicaçom destes buques o vindeiro 30 de dezembro. Para mais, a começos de dezembro Navantia-Ferrol entregava o que era o único buque estava a construir-se nestes estaleiros, o *Adelaide*, para a armada australiana.

Porém, a resposta na rua estivo presente. Além da citada mobilizaçom em Ferrol a que acudírom dúzias de milhares de pessoas, aos dias seguintes de conhecer a negaçom dos buques gaseiros centos de trabalhadores saírom às ruas e cortárom o tránsito pola AP-9 com barricadas. Os protestos chegárom até as portas do Parlamento galego, onde milhares de pessoas trabalhadoras se encontrárom com um forte dispositivo policial. Neste contexto, a diretiva de Navantia dava a conhecer o seu plano de viabilidade para o período 2014-2018, em que afirmava que a empresa pública nom era "viável a curto prazo" e previa umha reduçom de custos superior a 50%, segundo informárom os meios convencionais. Dias depois, após as mobilizaçons que culminárom numha assembleia popular na praça do concelho de Ferrol, Navantia afirmava que nom ia acometer despedimentos, mas estas promesas veem-se com desconfiança por parte das pessoas trabalhadoras, que salientam que atualmente o principal risco está na indústria auxiliar.

Condenado militante da CNT a um ano de prisom por "atentado" e "lesons"

JUIZ BASEOU-SE SÓ NA VERSOM POLICIAL

NGZ / Um membro do Sindicato de Ofícios Vários da CNT de Compostela vém de ser condenado a um ano de prisom, um mês de multa e umha indenizaçom de 150 euros a um polícia espanhol a quem teria, segundo a sentença, agredido durante a greve geral de 14 de novembro de 2012.

O julgado vem de condenar este trabalhador baseando-se tam só em palavras do agente supostamente agredido e companheiros de dispositivo deste. Porém, segundo a versom defendida por várias testemunhas da defensa, foi o próprio condenado o agredido naquela jornada, junto com o resto de grevistas participantes num piquete no polígono industrial do Tambre.

Ali, um agente da polícia 'antidistúrbios' teria-se lançado a perseguir o culpado, por supostamente "ter fixado um colante" numha carrinha policial. Depois, por palavras do sindicato ao qual pertence este, "produz-se umha violenta carga contra todo o piquete" e o militante é detido "brutalmente, tirando-o contra o chao entre vários agentes".

Mais duas detençons com registo domiciliar

Na seqüência repressiva após a dita greve produzírom-se, semanas depois, as detençons de mais um militante da CNT e de umha outra ativista. A polícia espanhola realizou as duas detençons num horário que forçava o mantimento das duas pessoas nos calabouços durante toda umha noite, ademais de efetuar registos domiciliares com o apoio de umha ordem judicial.

A causa contra estas pessoas foi anulada por ausência de provas, polo que da CNT de Compostela denunciam "o uso sem indícios nem provas dumha medida tam agressiva como um registo domiciliário". Vem nestas atuaçons "umha única finalidade de amedrontar" que enquadram num contexto na cidade de "experimento repressivo, com um controlo policial sem precedentes da militáncia anti-capitalista, detençons e cacheios arbitrários, registos domiciliários, multas elevadíssimas e sistemáticas, e penas de cárcere e manipulaçom da opiniom pública através dos meios de comunicaçom".

CRÓNICA GRÁFICA

O 6 de dezembro a iniciativa social Galiza pola Soberania saiu à rua para denunciar que a Constuiçom espanhola "nom é a nossa" / GALIZA POLA SOBERANIA

O quadro de pessoa de Freiremar, em Vigo, está a luita contra o desmantelamento da conserveira / GALIZACONTRAINFO

O 1 de dezembro Galiza acolheu manifestaçons multitudinárias nas principais cidades e vilas convocadas por Nunca Mais / GALIZACONTRAINFO

Umha dúcia de solidárias concentrarom-se o passado 12 de dezembro ante a Audiência Provincial da Corunha para apoiar quatro independentistas com imputaçons de "enaltecimento do terrorismo" / CEIVAR

Milheiros de pessoas manifestarom-se em Bueu em defesa das seis pessoas despedidas pola conserveira Antonio Alonso / CIG

O monólito em homenagem das pessoas retaliadas polo franquismo da Cruz da Maceira, em Marim, foi vítima de um ataque fascista / SANTOS ÁLVAREZ

VITAMINAS PARA O GALEGO
TV PRENSA INTERNET RADIO
Os medios en galego son vitaminas para a lingua
www.vitaminasparaogalego.gl

Neste país, dar a cara sae caro
Colabora contra a repressión económica
2091 0395 21 3040001337

RúA
Restaurante
Tfl. 981 55 64 69
Santiago de Compostela
Rúa de San Pedro, 24

COMPOSTELA
CASTORDO SAN MIETO
a Vante

MAR

Quem trabalha no mar carece de direito a voto

Os órgaos de direçom das confrarias tenhem superado os 4 anos de mandato que se lhes outorgou e nom há convocatória de eleiçons à vista

A.DIESTE / Feijóo ganhou em 2009 as eleiçons e nomeou Rosa Quintana para a daquela Conselharia de Pesca (hoje de Mar), quem se fraguou no posto como mao direita do conselheiro López Veiga (para o setor do mar, 'Olhomol' ou 'Talibám') nos governos Fraga. A conselheira do Mar anunciou nom só modificaçons substanciais na Lei de Pesca aprovada polo bipartido uns meses antes, mas também a suspensom dos sucessivos processos eleitorais nas agrupaçons de marinheiros e mariscadores com o propósito de os convocar todos ao mesmo tempo e desse jeito unificar os mandatos. Daquela, poucos fôrom os que protestárom contra essa medida, ao entender a maioria do setor que o lógico era que se realizassem simultaneamente. Mas certo é também que ninguém aguardava que essa suspensom fosse tam prolongada. Da Junta indicam que o processo está a rematar e em breve haverá eleiçons, mas isso já o prometera em 2011, a meados de 2012 e para começos de 2013.

Mas o certo é que as eleiçons nom se produzírom e a totalidade dos órgaos de direçom das 62 confrarias galegas levam no poder mais do período de 4 anos para as que fôrom eligidas no seu momento. A presidenta da Associaçom Galega de Mariscadoras, Natalia Laíño, lembra esta circunstância e considera que "nom é comprensível" que nom se tenha resolto esta situaçom logo de transcorridos cinco anos. "Tivérom muitas pressas por botar abaixo a Lei de Pesca do bipartido, apenas três meses desde que chegáron, mas fazer um decreto, que é umha norma dum rango menor que umha lei, está-lhes levando vinte vezes mais".

> Junta suspendeu as eleiçons para as realizar a um tempo

> Tivérom pressas para botar abaixo a Lei de Pesca do bipartido

Laíño considera que défice democrático é um conceito "insuficiente para explicar o que está a acontecer nas confrarias" e, nessa linha, cre que com a dilaçom indefinida da convocatória eleitoral o único que se está a fazer é "travar" as próprias dinâmicas de funcionamento dos cabidos. "Alguns querem marchar e nom o fam", engade, "porque essa decisom suporia deixar passo a umha gestora que ainda o complicaria todo mais".

Mesmo quem pode estar mais próximo do PP, como o presidente da Federaçom Galega de Confrarias, Benito González Sineiro, vê o retrasso "incomprensível".

AGRO

Ganadeiros queixam-se da má imagem criada para o sector lácteo

Encontram hormona do crescimento bovino em exploraçons galegas

O uso desta substáncia está completamente proibido na Uniom Europeia

P.V. / Neste passado mês saltava à luz o escándalo do uso de hormonas do crescimento animal por parte dum grupo de ganadeiros da Galiza à vez que noutras partes do estado espanhol. A operaçom conclui com mais de 100 pessoas detidas, no que constitui um dos maiores escándalos alimentares deste ano 2013. Os altos preços que se pagam polo lacticínios neste momento teriam conduzido a vários ganadeiros a dopar os animais para obter maior lucro.

Origens da trama

A trama destapou-se após umha investigaçom do SEPRONA ao longo de todo este ano. De entre a centena de implicados na trama há ganadeiros, veterinários e responsáveis de indústrias lácteas. Porém destacam as implicaçons de altos funcionários de Aduanas do aeroporto de Barcelona quem permitiam a entrada da sustáncia que provinha do mercado de contrabando Mexicano. De entre os ganadeiros destaca a implicaçom de mais dumha vintena de exploraçons no nosso país.

> A única produtora desta hormona é a americana Monsanto

A hormona de crescimento

A hormona de crescimento bovino é conhecida em linguagem científica como "Somatotropina bovina". Trata-se dum fármaco sintetiticamente obtido mediante a tecnologia do DNA recombinante, que implica técnicas de engenharia genética. Atualmente a única companhia com licença para a produçom desta substáncia a nível mundial é a norte-americana MONSANTO.

Os benefícios da exploraçom

Mediante a utilizaçom de hormonas, as vacas podem até duplicar a sua produçom nalguns casos, chegando a produzir em torno a 50 litros diários. Porém os danos para os animais som palpáveis desde o começo. As taxas de infertilidade aumentam em 40%, o risco de coxear em 55% e a vida útil do animal acurta-se à vez que o leite é dumha qualidade pior. Em cima de todo o anterior, as taxas de incidência da mastite nos animais tratados com hormona som muito mais elevadas, que conduz diretamente à maior utilizaçom de antibióticos e outros tratamentos nos animais.

Consequências para a saúde

O uso desta substáncia está proibido nos principais países produtores de leite em todo o mundo salvo nos Estados Unidos. As fortes pressons da multinacional Monsanto fizeram que no seu país as autoridades sanitárias autorizassem o uso da hormona de crescimento bovino. Vários estudos científicos demostram porém os danos para a saúde associados ao consumo de lacticínios obtidos de animais tratados com hormonas. Entre os riscos mais salientáveis encontra-se o de padecer cancro de mama ou de próstata. Contudo os expertos nom só alertam dos riscos mais salientáveis mas também chamam à atençom acerca da má qualidade sanitária e nutritiva dos lacticínios que provenham de animais tratados com hormonas.

ECONOMIA

Conseguir preços dignos para os camponeses é apenas um dos objetivos do comércio de proximidade

Venda directa de alimentos: má para os oligopólios, boa para o povo labrego e consumidor

OS NOSSOS CIRCUITOS CURTOS ESTÁM AINDA LONGE DO NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO EUROPEU

No mercado labrego de Teu, vários produtores da comarca vendem os seus alimentos directamente ao público, como se fazia antes. Contava-o o NOVAS DA GALIZA nº128. É só um dos casos de circuitos curtos de comércio de alimentos que se dá no nosso país. Há grupos de consumo locais como Fabas Lobas ou Naviza Ceibe, venda a domicílio apoiada polo Sindicato Labrego Galego ou outros mercados de produtores como o Lusco Fusco do parque de Belvis. Todos estes sistemas de intercámbio partilham umha característica comum: fogem dos grandes intermediários comerciais. E fam-no por vários motivos. Nestas linhas, exporá-se a lógica económica que subjaz a este de circuito comercial alternativo e examinaremos a situaçom que ocupam na estrutura do setor agroalimentar no nosso país.

RAUL RIOS / Se há produtores agrários que ponhem em andamento circuitos curtos de comércio de alimentos é porque, logicamente, também há circuitos longos. Som os que hoje dominam o sistema agroalimentar global e de que se pretende escapar com o comércio direto.

Quando alguém pensa em como se produzírom os feijons que nesse momento tem na pota, o primeiro que imagina é um labrego recolhendo os legumes da horta. É natural, pois essa é a primeira parte da cadeia de produçom e, ademais, até há nom tanto tempo também era a mais relevante em termos económicos. Mas há outros elos da cadeia como a fase de transformaçom e, nomeadamente, a fase de distribuiçom dos alimentos. Consistiriam, neste caso, em preparar um bote de conservas e levá-lo às prateleiras do supermercado. No sistema agroalimentar da globalizaçom som estas duas fases de produçom as que geram um maior valor acrescentado e também som, precisamente, as que estám nas maos de grandes companhias oligopólicas e nom dos produtores agrários. Dos 80 cêntimos que pagamos polo litro de leite, apenas 30 chegam às maos do produtor que alimentou e mugiu a vaca.

Por que acontece isto? Há um pequeno grupo de grandes companhias que se dedicam a mercar os alimentos aos labregos para, depois de transformá-los e distribui-los, vendê-los aos consumidores. Entretanto, os labregos som muitos e negociam por separado com este fato de companhias. Podem impor os preços: "Se nom aceitas esta quantidade, vou a outra exploraçom mercar os produtos e imos ver a quem lhe vendes tu depois". Reivindicaçons históricas dos labregos como pôr um preço mínimo aos alimentos -por exemplo, para que cobram os custos de produçom- fôrom proibidas há anos polo GATT (hoje OMC) ao ser incluídas na famosa "caixa ámbar" de medidas distorcedoras do mercado.

Quando imos ao supermercado, observamos as maçás colocadas em perfeitas ringleiras. Todas da mesma cor, com a mesma forma e, sobre todo, o mesmo sabor -ou falta dele-. Quando alguém fala de "tomate natural", "chouriços da casa" ou mesmo "ovos de verdade"; está-se a dizer implicitamente que existem outros alimentos que nom som naturais, nem da casa e nem "de verdade".

> O GATT proibiu regular o mercado com preços mínimos
>
> 21 de cada cem exploraçons francesas fam venda direta

As grandes firmas da alimentaçom tratam de satisfazer umha procura mundial, quanto mais homogénea mais rendível. É por isso que se promove a padronizaçom dos produtos. O mercado tampouco quer saber de tempadas: gosta de morangos todo o ano, nom apenas na primavera. Por estes motivos, a indústria agroalimentar impom umhas condiçons contratuais aos labregos nas quais lhes dita o que devem produzir, a forma em que devem produzi-lo e quando. O resultado som monoculturas produzindo intensivamente e aceitando qualquer produto químico ou engenho que incremente a produtividade -e o lucro- sem considerar a perda de sabor da comida ou a saúde dos consumidores, o que é mais importante.

Qual é o papel dos circuitos curtos de comércio de alimentos neste contexto? Primeiro, cumpre saber exatamente a que nos referimos ao falar de "circuito curto". Simplificando, o circuito curto é aquele em que o alimento é vendido diretamente polo produtor ao consumidor. Isto nom significa que nom existam as fases de transformaçom e distribuiçom do alimento na cadeia de valor. Existem, mas fôrom assumidas por algumha destas duas partes, assumindo também o valor gerado. Os grupos de consumo organizam-se de forma que som os próprios consumidores os que distribuem o produto. Nos mercados labregos, som os produtores que se encarregam do trabalho de comercializaçom. O mesmo acontece com a venda a domicílio.

Assim, o valor acrescentado gerado nestas fases -e as rendas que dele se derivam- ficam em maos dos produtores do alimento e nom dos oligopólios. O preço negocia-se entre consumidor e labrego, sem grandes companhias polo meio que ditem as normas em funçom dos seus interesses.

Mas os deslocamentos na cadeia de valor em prol dos labregos e consumidores nom é a única finalidade do comércio direto de alimentos. O facto de romper com as grandes companhias da alimentaçom permite romper também com as práticas que imponhem aos labregos já mencionadas. Já nom é preciso produzir em intensivo, nem empregar produtos químicos nocivos ou sementes transgénicas. Na maioria dos casos, o comércio direto vai a par da agricultura ecológica. Os tomates recuperam o seu sabor e o corpo humano deixa de ingerir produtos químicos de duvidosa salubridade.

Comércio direto na Galiza

Várias diretivas e regulamentos de instâncias políticas europeias compreendem rubricas que dotam dum quadro jurídico os circuitos curtos de comércio de alimento. Nom acontece assim nem na Galiza nem no Estado espanhol, onde só há normas ditadas em certas Comunidades Autónomas; umha situaçom fruito do desinteresse institucional por este comércio e fruito também da escassa implantaçom com que conta por agora.

3,43% das exploraçons italianas realizam venda directa, na França fam-no até 21 de cada cem e, na Alemanha, até um seis ou oito por cento das exploraçons. Estes dados nom tenhem em conta a percentagem de rendimentos que representa para cada exploraçom esta via de comércio. Mas permitem constatar o desenvolvimento dos circuitos curtos noutros países europeus -porém, ainda longe de fazer perigar a hegemonia da agroindústria tradicional.

Na Galiza, polo contrário, o comércio direto ainda hoje começa a descolar apesar da sua forte tradiçom histórica. O primeiro a salientar é a falta de dados estatísticos que nos permitam uma abordagem mais exata. O INE indica-nos que, em 2007 (últimos dados), só havia 45 exploraçons fazendo venda direta como forma de comércio principal. Dous anos antes, eram 62, dum total de mais de 91.000 exploraçons -cifra que infelizmente também decresceu.

Estas cifras, além de serem já muito antigas, nom refletem corretamente a realidade do comércio direto. Precisamente fronte ao desamparo normativo e aos entraves burocráticos -insuportáveis para pequenos produtores-, grande parte deste comércio realiza-se de jeito 'clandestino', polo que nom é contabilizado nas estatísticas oficiais. Em qualquer caso, os circuitos curtos de comércio de alimentos na Galiza estám ainda longe de chegar aos níveis doutros países europeus e, ainda mais longe, de aproveitar toda a potencialidade que encerram para produtores e consumidores.

A TERRA TREME

"Desde 2006 decidimos que as ações de luta para o dia 8 de março estariam focadas nas empresas transnacionais"

KELLI MAFFORT, COORDENADORA NACIONAL DO SETOR DE GÊNERO DO MOVIMENTO DOS SEM-TERRA

"Muitas organizações de esquerda desprezaram as manifestações do Brasil ao achá-las não-politizadas"

VERA-CRUZ MONTOTO E BERTA MALVÁREZ / **A poucos meses do seu VI Congresso Nacional, que terá lugar em fevereiro 2014 em Brasília com o lema "Lutar, reforma agrária popular", falámos em Compostela com a lideresa brasileira Kelli Maffort, coordenadora nacional do Setor de Gênero do MST (Movimento de Trabalhadoras/es Sem Terra) e integrante da Direção Nacional da organização. Abordamos com ela não só questões vencelhadas à luta agrária e especificamente das mulheres camponesas, senão também à visão que o MST tem dos protestos sociais desenvolvidos no Brasil no passado verão durante a Copa Confederações, mobilizações que prometem voltar a ser um sucesso durante a celebração da Taça do Mundo de futebol em 2014.**

"Vimos necessidade de retomar as lutas e a palavra feminismo"

"O problema da terra é o mesmo na Galiza no Brasil"

Quais são os fatores concretos dentro do Movimento dos Sem-Terra que tornam necessária a organização das mulheres (para além dos fatores que tornam necessária esta luta em qualquer âmbito da sociedade)?
As mulheres do MST trabalham em organizações de mulheres desde o começo do movimento. O que as mulheres veem é que durante a conquista pela terra, nos acampamentos, vivem em condições bastante equitativas com os homens; no tempo em que o objetivo é conseguir a terra, é a comunidade a que está no centro da organização. No entanto, após assentadas as pessoas, é a família heteropatriarcal a que substitui a comunidade e, contraditoriamente, a consecução das terras implica uma piora das condições de vida e dos direitos das mulheres.

Mas o MST partilha o que na Via Campesina se esta dando em chamar Feminismo Campesino Popular?
Sim, o Feminismo Campesino Popular é a combinação entre luta feminista e luta contra o Capital. No começo, nos movimentos de mulheres do MST custava falar em feminismo, pois este era entendido como uma imposição europeia, que não tomava em consideração as questões de raza ou classe. Mas com o tempo, vimos que falar de gênero era algo confortável ao capital, fácil de assimilar nos seus discursos, e vimos a necessidade de retomar as lutas feministas e reivindicar a palavra feminismo.

Pola nossa banda, a partir de 2006 decidimos que as ações de luta para o dia 8 de março estariam focadas nas empresas transnacionais, cujo impacte é muito grande sobre as mulheres camponesas. As mulheres no campo lutam por um projeto de soberania popular e alimentar, que tenta ser inviabilizado pelo agronegócio. A pretensão com estas lutas no dia 8 de março é que a partir das experiências concretas consigamos enfrentar o capital e construir novas relações sociais.

Com a experiência de pertencer a umha organização agrária coordenada globalmente, que pontos de concordância encontra entre as linhas de luta social e agrária na Galiza e as desenvolvidas pelo MST?
Acho que temos muitos pontos em comum como a defesa da terra, aqui muito desenvolvida pelo Sindicato Labrego Galego (SLG) –que, como o MST, faz parte também de La Vía Campesina Internacional-, ou como a luta contra projetos concretos como está fazendo Contraminacción. Também na soberania alimentar, e na procura de uma relação urbano-campo, na qual o MST está centrando também muitos esforços. Com o uso dos agrotóxicos, já não são só as pessoas do campo a verem afetadas a sua saúde, mas também quem vive na cidade, através da alimentação. Isto faz com que grupos importantes de pessoas urbanas entrem em contato com o MST para consumirem os seus produtos.

Isto tudo englobado em uma situação pela qual o campo continua sendo desprezado pelos governos, que de fato obrigam a população rural a abandonarem o campo e procurar trabalho na cidade. Achei que mesmo que a organização da terra na Galiza seja bem diferente, este problema de abandono é a mesma coisa que no Brasil.

Já para acabar, neste ano a sociedade brasileira deu mostra da sua capacidade de açom e aliança surpreendendo o mundo com as mobilizações desenvolvidas após os protestos iniciados no passado mês de junho em São Paulo, como se avalia esta dinâmica de mobilização desde o Movimento?
Em primeiro lugar, para o MST (e para muitas organizações de esquerda) os protestos foram uma surpresa. Ninguém esperava mobilizações após começada a Copa Confederações e ainda menos, que fossem protagonizadas por jovens.

O MST saiu à rua para apoiar estes protestos, que não podem ser lidos só como o acontecido nas grandes cidades. Foram muito importantes no interior do país, onde nunca houve manifestações tão numerosas (ou havia muitos anos que não aconteciam, em todo o caso).

Nem todas as organizações de esquerda reagimos igual, e muitas desprezaram as manifestações, qualificando-as de não-politizadas a partir de uma atitude muito soberba. Para o MST, estas organizações precisam de um processo de autocrítica: não é possível esperar um protesto com gente muito formada politicamente se as organizações de esquerda abandonaram o processo de formação política da população.

Para além destas considerações, para o MST foi um motivo de alegria. Quando diminuiu a intensidade dos protestos, as pessoas procuraram então como continuar com a luta com ações concretas, o que fez com que muitas se chegassem aos acampamentos e assentamentos para apoiar e contribuir com o MST.

EVOLUÇOM DA IMPLEMENTAÇOM DE DINÁMICAS DE ALIANÇA E GÉNERO VINCULADAS AO MST

1984	Criaçom do Movimento dos Sem-Terra	**I Congresso do MST (1984)**
1990	**II Congresso do MST: Ocupar, resistir e produzir**	
1993	Criaçom de 'La Vía Campesina Internacional' (LVC)	
1994	Criaçom da 'Coordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo' (CLOC) (Integrada na LVC)	
1995	**III Congresso do MST: Reforma Agrária, uma luta de todos**	
1996	Criaçom do Grupo de Trabalho de Mulheres de LVC	
1997	Realiza-se em Brasília o II Congreso da CLOC e a I Asamblea de Mulheres do Campo (CLOC)	
2000	Cria-se o Setor de Género do MST	**IV Congresso: Por Um Brasil sem latifúndio**
2004	IV Asembleia Internacional LVC, realiza-se por vez primeira no Brasil (São Paulo) umha assembleia internacional da LVC. Realizaçom da II Assembleia Internacional de Mulheres e elaboraçom da Agenda 21 das Mulheres do Campo	
2006	Primeira Direcçom Nacional Paritária do MST	
2007	**V Congresso Nacional do MST: Reforma Agrária por justiça social e soberania popular**	
2008	Lançamento internacional da campanha contra a violência machista de LVC	
2014	**VI Congresso Nacional do MST: Lutar, reforma agrária e popular**	

*Dados extraídos da investigaçom "Dinámicas de Xénero en La Vía Campesina Internacional" (2012). Elaboraçom própria.

ALÉM MINHO

"Vivemos tempos em que fai sentido que os escritores respondam, nom com textos militantes, mas com textos inquietantes"

Rui Zink: "Para fazer um panfleto, mais vale um jornal ou a rua: um livro é um mal megafone"

RAIMUNDO SERANTES / **Rui Zink, professor universitário e comentador na televisom, fica melhor retratado através da outra dedicaçom dele: escritor, um dos mais iconoclastas dentre os conhecidos polo grande público em Portugal. Como investigador, destacam os seus contributos no ámbito do estudo da banda desenhada como género. Ele foi o último artista convidado do ciclo Caminhos da Literatura Portuguesa na Galiza, organizado polo Instituto Camões. A originalidade da produçom de Rui Zink continua na sua última obra, Instalação do medo, um romance invulgar composto de diálogos entre poucas personagens num único espaço. Nela volta sobre um assunto que já tinha tratado em O destino turístico, de 2008. Na altura, porém, o medo a que se referia era só o económico, num contexto prévio à crise que continua a abalar Portugal. Agora, o medo instalado apresenta-se mais abrangente e tem umha componente imaginária, para além de responder à realidade. Em termos artísticos, Rui Zink defendeu em Compostela o cultivo da forma até o extremo, mas sempre que isso nom levar a dispensar as ideias claras e os textos que vam diretos ao assunto ("Acho muito estúpido ser escritor para nom dizer o que se pensa... é o leitor que tem de ser poético e interpretativo"). Zink defendeu, neste sentido, a intervençom do artista na sociedade: 'estamos perto de umha revoluçom que nom nos vai deixar a Europa que até agora conhecemos. Nom há razom para o escritor, como o professor ou o advogado, ficarem à margem'.**

FELISA R. PRADO

Está a haver umha resposta literária à crise social? Caso haja, é transparente para a sociedade?

Começa a haver um corpo interessante. Eu consigo lembrar-me neste momento de alguns livros. Em poesia, o Alberto Pimenta fijo no ano passado um belíssimo livro chamado De nada, com CD que inclui a gravaçom oral dos poemos e que é muito forte. E há um livro da Susana Araújo, umha geraçom bem mais nova, que é também umha resposta poética à crise: chama-se Dívida Soberana. Quanto à prosa, há um livro potente de Pedro Sena-Lino chamado Despaís onde ele coloca umha hipótese que há uns anos seria fantasiosa e agora já é verosímil.

É umha onda diferente à da geraçom militante pós-25 de Abril?

Eu penso que de fora é possível ver umha onda, mas na verdade os grandes escritores som sempre indivíduos. Dentro do próprio neorrealismo também havia propostas diferentes. O Alberto Pimenta nom é umha voz nova, é umha voz que está cá há quarenta anos. É umha voz própria. O escritor é interessante quando nom pertence a um clube. Porém, é interessante ver que, perante umha determinada situaçom há escritores que tenhem umha resposta parecida. Parece-me que estamos a viver tempos em que fai sentido que os escritores respondam, nom com textos militantes, mas com textos inquietantes. Em todos os meus livros, tento sempre divertir e inquietar. Para fazer panfleto político puro, mais vale um jornal ou a rua, porque um livro é um mal megafone, mas o facto de nom ser megafone, nom quer dizer que deva ser avestruz.

É impossível nom lembrar-se das suas irreverências juvenis: o Pornex, por exemplo. O que o caracteriza como artista irreverenteem relaçom ao que foi de novo?

Há umha coragem física que eu já nom tenho e seria um pouco idiota da minha parte ter. Com 103 kg e 52 anos umha pessoa pode dançar o tango. Rock e salsa nom. Isto é, eu respondo ao meu tempo com as armas que tenho. O Pornex foi umha provocaçom muito interessante feita dez anos depois de 1974, na mesma altura em que umha vez a direçom da televisom caiu porque passaram umha comédia brejeira italiana. Essa comédia italiana tinha menos erotismo do que hoje um anúncio de iogurtes. Obviamente que hoje, quando eu ainda ontem vim no aeroporto umha revista que dizia "aprende todo o que podas saber sobre sexo oral", nom fai sentido usar isso como provocaçom, até porque a pornografia nunca me interessou nem me deixou de interessar. Na altura era umha provocaçom interessante. Hoje uso outras armas.

Após um progama satírico nos anos 90, nunca mais foi convidado para fazer um programa de televisom? O que pode motivar hoje em dia a proibiçom de determinadas pessoas na grelha televisiva portuguesa?

A difereça para o intelectual em Portugal nom é ser proibido ou nom, mas ser pago ou nom. Se gostarem de ti, pagam; se nom gostarem, nom pagam. Às vezes eles chamam-me, mas nom pagam. Entom nom vou. O que me irrita é que, sendo eu umha pessoa que, segundo a lei do mercado, conseguia atrair espetadores e por isso dava lucro, que a lei do mercado nom seja cumprida comigo e em contrapartida ponham no lugar cousas que nom só nom som informativas ou divertidos, como nem público tenhem. Nos jornais há muitos jornalistas com colunas bem pagas e esses mesmos jornais nom tenhem problema em publicar artigos meus quando eu os envio, mas nom pagam. Eu sou de esquerda, mas nom tenho medo do dinheiro.

Já testou as possibilidades da escrita literária na Internet. Tem a sensaçom que se estám a escrever os últimos livros em papel?

Eu nom sou das pessoas que detestam a Internet ou a ediçom electrónica. Porém, acho que vam conviver as duas formas. O melhor da ediçom eletrónica é a difusom e o transporte, mas o papel nom vai desaparecer. Acontecerá algo parecido ao que acontece entre teatro e cinema. Continua a haver muita gente a ir ao teatro, a suficiente para haver umha indústria. Há vantangens do papel que som óbvias e também há vantagens óbvias da ediçom eletrónica.

POVOS

Segunda parte dum artigo que começou no anterior número do NOVAS DA GALIZA

Bangla a terra partida que mostra luz e liberdade (e II)

Na anterior entrega, esta seçom narrava como se conformou o estado de Bangladeche através da independência da Bengala Oriental, território que até o ano 1971 estivo sob o regime de Paquistám, enquanto a Bengala Ocidental permanece como estado na Índia.

JOSÉ A. 'MUROS' / Daca, um mísero arrabalde do Interior de Bangladeche, converteu-se na sua capital. A guerrilha convertida em exército deixara já os seus refúgios de Bangla Ocidental e a capital desta, Kalikuta. Curiosamente Daca, converteria-se anos depois, relegando Kalikuta, no principal centro editorial em língua bengali.

Neste período histórico Bangladeche volta a ser notícia com a entrada de novo do partido que marcou o caminho da independência, a liga Awani. Constituiu-se um tribunal especial para julgar os colaboracionistas com o Pakistám, que som massivamente membros do partido fundamentalista muçulmano que é terceira força e articulaçom do segundo partido na oposiçom. Além de que se fam as melhores cousas por péssimos motivos, a liçom deve ser aprendida, a esterqueira da história deve ser o fim desse trágico episódio.

> Volta governar a liga Awani que guiou o pais à independência

A Bangla grande é unida nos coraçons, apesar da fronteira baseada numha imposiçom exterior. Os bengalis ocidentais, pobres como os doutro lado, continuam polo geral fieis a umha visom nom fundamentalista da política. Votam opçons progressistas (Partido Comunista) a diferença dos imigrantes doutras regions e recordam com orgulho que foi um deputado comunista filho desta terra o que pediu que as fronteiras fossem marcadas por critérios linguísticos (algo afortunadamente em boa parte e aos poucos conseguido).

De seguro, os filhos da terra de Rabindrauth Tagore e Manna Day som filhos do velho novo, eterno ressurgimento bengali que se dá a todos os povos vizinhos.

DITO E FEITO

"Muitas pessoas que venhem por sementes devolvem-nas no ano seguinte melhoradas"

"Luitamos porque a gestom das sementes esteja nas nossas maos"

ENTREVISTA A BELEM FERVENÇA, INTEGRANTE DA REDE GALEGA DE SEMENTES

O.R. / Diz o filósofo Santiago Alba Rico que há muitas razons para nos opor aos transgénicos: por saude, por soberania alimentar, mas, sobretodo, porque impedem que as sociedades geram e enriquezam um saber que é colectivo. É justo esse saber é o que engrossa cada ano, encontro após encontro, o arquivo da Rede Galega de Sementes, onde produtoras de todo o país partilham as suas experiências e cedem as suas sementes. Procuram melhores produtos, mas também um mundo onde os interesses das multinacionais nom passem por riba da autonomia dos povos para gerir o mais básico. Belén Fervenza, umha das suas integrandes, fala-nos neste número da iniciativa e dos resultados do Primeiro Seminário Europeu de Sementes.

A Rede Galega de Sementes nasceu já há quatro anos. Qual é o mecanismo que seguides para articular todos os encontros de troco que levades programando e como organizades a informaçom sobre as variedades que vos chegam?
Temos sempre três mesas: umha de entrada das sementes, onde quem deixa material tem também que preencher umha ficha com todos os dados. A segunda é a de troco, e na terça ficam as sementes que vam restando doutros encontros. Cada vez a informaçom é mais completa; a gente vai aprendendo, repara mais nos dados, e dá muita mais informaçom para a sua conservaçom. Isso é o realmente importante se se quer que as sementes se mantenham. Agora mesmo contamos com um arquivo enorme! E o bom é que há já muitas pessoas que venhem por sementes e devolvem-nas ao ano seguinte melhoradas, convertendo-se em autênticas "guardiás das sementes", que é o nosso objetivo. Essa é a maneira de criar cultura labrega!

Existe um perfil de gente que participa nesta iniciativa?
A Rede é muito heterogénea: há labregos que procuram variedades locais porque som melhores, e também amadoras, pessoas de grupos de consumo, e mesmo algum jardineiro profissional. O que nos une é que somos um colectivo de gente com muita vontade de trabalhar. Quanto às idades, é mais difícil que as pessoas maiores cedam as suas semntes, mas cada vez há mais casos em que se achegam a nós no mercado de jeito pessoal a trazer-no-las. Há pouco veu umha senhora com duas sementes e dixo-nos que nolas dava porque os seus filhos nom as precisavam, mas provavelmente seus netos sim. Para recuperar esse saber mais tradicional temos feito também Encontros de Sábios, onde gente maior partilha os seus saberes.

Na Galiza existem várias iniciativas deste tipo, nom é?
É, isto reproduz-se cada vez mais rápido! Há gente que está trabalhando polo menos no norte de Lugo, em Ourense, em Betanços, Moanha,... Em Combarro, por exemplo, tenhem umha agrupaçom cultural que se interessou polo nosso trabalho e nós ensinamos-lhe o que sabemos. De algum jeito, também nós funcionamos como sementes de algo que aguardamos que se espalhe. Do resto do Estado, temos contacto também com a Red Estatal de Intercambio de Semillas, que foi quem nos ajudou nos nossos começos, ou também as redes de Salamanca ou Valencia.

E também fóra do Estado... Voltaches há pouco do Primeiro Encontro Europeu de Sementes. Contanos como foi a experiência lá.
O objetivo do encontro, organizado por Via Campesina, a Federaçom Natureza e Progresso em Galhac (fr.Gaillac), Occitánia (estado francês), era dotarmonos de umha formaçom mais potente da perspectiva política deste tema: falar dos transgénicos, da luita das multinacionais polas sementes, e do actual marco legal. Tratava-se de conectar os distintos movimentos que estamos artelhando respostas locais a este problema global, e que somos muitos em toda Europa. A impressom que trazêmos de ali é a de que há bastante movimiento. É minoritário, porque labregas continuamos a sermos poucas, mas com umha capacidade de resposta impresionante. Via Campesina foi quem de fazer escuitar os seus argumentos e que se tivessem em conta para a redacçom do novo regulamento, e isso é muito. Tenhem muita gente em Sudamérica, em África, e também por toda Europa. Há muita gente nova.

"No grupo há desde labregos a jardineiros profissionais"

E em que consiste o novo regulamento que querem aprovar a em 2014 no Parlamento Europeu?
Trata de regular o comercio de sementes, de jeito que os pequenos labregos podam trocar e vender sementes. Isto é algo mui positivo, e também umha pequena batalha ganhada, mas, como bem nos explicárom de Via Campesina, há muitos aspectos que neste marco ainda ficam pendentes, já que as grandes empresas podem facturar como se fossem pequenas e patentar as sementes que os produtores conseguírom com o trabalho de anos. O projecto de Lei tem umha linguagem muito escurantista, mas graças a este encontro pudemos perceber muito melhor a problemática e voltar aos nossos lugares de origem com argumentos para continuar a combater dos nossos lugares. No Estado espanhol, de facto, o caminho é ainda longo... Outros paises como Austria protegem por lei as sementes locais. Aqui o regulamento trata os produtores como se fossem empresas.

"O regulamento trata os produtores como se fossem empresas"

Di-se que a crise está a promover umha volta ao agro... Percebedes que isto seja assim? E está a incrementar isto o número de pessoas que se preocupam com a agricultura ecológica?
Continuamos sem ser maioria, mas é certo que há gente que está a voltar ao agro. Há muita que vém sem estar certa, só porque está no paro, e encontra umha realidade mais dura do que pensava. Mas há muita outra que vém de maneira muito consciente, querendo viver disso. A mudança é muito grande, porque che obriga a trocar de vida e requer esforço, mas nós pensamos que compensa. Nom dá para muito mais, mas o trabalho da terra, se es constante, permite-che a autosuficiência. Necessitamos mais produtores e produtoras, e ser capazes de articular um trabalho coletivo e visibilizar as problemáticas e dependências que estám detrás do que comemos.

À margem do interesse para a alimentaçom e o mantimento da tradiçom, dirias que projetos como a Rede Galega de Sementes tenhem uns fins políticos?
Por suposto. Nós trabalhamos desde os inícios pola autogestom, e a nossa aposta é também um jeito de protesto e de luita contra os interesses das multinacionais. De facto, a lei actual proibe o troco e venda de sementes entre produtores, tal como nós o fazemos. Queremos gerir o nosso, que continue nas nossas maos como o estivo sempre.

EM ANÁLISE

Inclui multas de até 30.000 por paralisar um despejo hipotecário ou "ultrajar" Espanha e os seus símbolos

Madrid prepara 'lei da mordaça' para silenciar o descontentamento social

PARTIDO POPULAR DEFENDE UMHA REFORMA QUE "AGILIZARÁ" OS PROCEDIMENTOS REPRESSIVOS

A aprovaçom polo Conselho de Ministros espanhol do anteprojeto de 'Lei para a Proteçom da Segurança Cidadá' no passado dia 29 de novembro começa a desvendar o verdadeiro alcance do novo corte de liberdades fundamentais que o governo do Estado prepara. Após semanas nas quais se fôrom sucedendo as filtraçons-sonda, e 'suavizada' frente à opiniom pública, conhecemos o fundamental dumha lei com a qual o Partido Popular pretende transladar da 'Justiça' para os representantes políticos do governo o poder para punir o ativismo social.

X. R. SAMPEDRO / Com a sua previsível aprovaçom nas cortes espanholas polo verao de 2014, aquela que em diversos fóruns já é chamada de "lei da mordaça" ou "lei anti-15m" virá conceder um poder sancionador inaudito para os corpos policiais. Assim, agentes implicados em intervençons contra a cidadania virám a ser 'juiz e parte' na imposiçom de multas que, segundo a tipificaçom da infraçom, poderám chegar aos 600.000 euros. Para o ministro da Justiça espanhol, Alberto Ruiz-Gallardón, o deslocamento de toda umha série de faltas do Código Penal para a "via governativa" servirá para "aumentar para bem a agilidade" do estado no que toca à "salvaguarda da segurança".

Mas o certo, assinalam desde os movimentos sociais até à judicatura, é que tal simplificaçom oculta duas questons fundamentais. A primeira é que a via administrativa elude, por palavras do próprio Ruiz-Gallardón, o direito a um "procedimento com juiz, fiscal, advogado e procurador". E onde o ministro direitista vê apenas mais agilidade, está a apagar de um só golpe o direito à defesa que, polo menos nalgumhas vezes, tem travado os abusos policiais.

Punir nos gabinetes o que é legal nos tribunais

É precisamente em toda umha vaga de 'reveses' judiciais com que o governo espanhol se vem encontrando que algumhas análises ponhem parte da génese deste projeto de lei. Aponta-se, nomeadamente, o arquivamento por parte da Audiência Nacional espanhola da causa aberta pola iniciativa '*Rodea el Congreso*', o cessamento de 447 causas penais contra o '15M' em Madrid, ou as reiteradas negativas de juízes a culpar ativistas por paralisarem despejos hipotecários, entre os motivos da nova lei.

Deste modo, o governo do Estado esquivaria o poder judicial para condenar métodos de protesto que lhe som incómodos, mas que os tribunais tenhem declarado legais. Os 'escrachos' ruidosos e visíveis contra representantes políticos culpáveis, ativa ou passivamente, de agressons contra a cidadania, tornam-se num exemplo claro das novas formas de luita que o Estado nom sabe gerir. Com a nova lei, as pessoas que participem dum protesto deste tipo poderiam ser penalizados com multas dentre 100 e 30.000 euros. Se bem que o 'escracho' nom aparece tipificado como tal, qualquer pessoa participante dele poderia, aos olhos e juízo da polícia, ter "participado num protesto nom comunicado à delegaçom do governo" (falta leve, punida com sançom de 100 a 1.000 euros) ou "alterado a segurança cidadá" (de 1.001 a 30.000 euros de multa). Além disso, a lei virá facultar à polícia a possibilidade de situar um cordom de segurança "onde e quando considerar necessário". Desta forma, poderám neutralizar de facto este tipo de protestos apenas situando o dito cordom a suficiente distáncia da pessoa objeto do 'escracho'.

Contra protestos desobedientes

O mesmo tipo de falta grave, com multa de 1.001 a 30.000 euros, será o aplicável ao referido exemplo de paralisaçom dum despejo, e a um total de 30 condutas que incluem, é claro, "a desobediência à autoridade ou aos seus agentes", "a recusa a identificar-se" e "a falta de colaboraçom com as Forças e Corpos de Segurança", sempre a juízo da própria 'autoridade'.
Contemplam-se igualmente nesta categoria "a perturbaçom da ordem pública num ato de campanha eleitoral", as "reunions [nom autorizadas] em frente das sedes do Congresso dos Deputados, do Senado e das Assembleias Legislativas das comunidades autónomas, mesmo que nom estejam em sessom" ou o "escalamento de edifícios de organismos ou instituiçons públicas ou de interesse histórico-artístico" para, por exemplo, estender umha faixa.
"A obstaculizaçom da via pública com mobiliário urbano, veículos, contentores, pneus ou outros objetos idóneos" seria multada também com até 30.000 euros, e seria sempre a avaliaçom dos polícias,

> Reclamar as multas suporia milhares de euros em taxas
>
> Repressom de tipo económica é menos visível e respostada

e nom as provas diante dum tribunal, o elemento único de juízo para as instáncias governativas culparem e multarem as pessoas. Já roçando o delito de opiniom, o governo inclui na sua proposta o mesmo castigo para "a ofensa ou ultraje a Espanha, às 'comunidades autónomas' e entidades locais ou às suas instituiçons, símbolos, hinos ou emblemas", quando seja "efetuada por quaisquer meios". A 'lei da mordaça' deixa coberto assim o flanco da Internet, que parece ver medrar nos últimos anos a sua capacidade de influência como refúgio para a denúncia e a contra-informaçom.

Condenaçons de dívida perpétua

A lei só inclui por fim, contrariamente ao anunciado em semanas prévias, seis atitudes suscetíveis de serem consideradas 'infraçons mui graves', sendo as já referidas 'graves' as mais numerosas e -arbitrariamente- interpretáveis. Di Ruiz-Gallardón que as decisons administrativas estám também sob controlo judicial e é certo. Omite, porém, que o deslocamento do penal para o administrativo traz consigo também a passagem da justiça gratuita à justiça 'para ricos', que o próprio ministro instaurou com a Lei de Taxas vigente desde novembro de 2012. Assim, recorrer de umha multa de 30.000 euros custará, só em preços públicos, 380 euros em primeira instáncia -350 da taxa fixa mais 0,1% da quantia da multa. Se se quiger prosseguir, os preços chegam aos 830 euros, e a 1.230 euros para quem recorrer em cassaçom ao Tribunal Supremo espanhol.

Ainda um outro aspeto da lei som as infraçons acumuladas. Assim, quem cometer três leves em dous anos será multado por umha grave, e quem figer três graves por umha mui grave. Mas o importante deste ponto é que vai permitir, ou assim o pretende o ministério do Interior da Espanha, a criaçom dum "Registo Central de Infraçons contra a Segurança Cidadá", que seria mais amplo e permitiria a introduçom de pessoas sem antecedentes criminais tam só por terem sido multadas administrativamente.

Umha repressom de baixa intensidade, mas omnipresente

Com a 'Lei para a Proteçom da Segurança Cidadá' que prepara, o Estado espanhol experimentará um novo modelo repressivo, que recolhe traços daquilo que o independentismo galego vem padecendo e chamando desde meados da década passada de "repressom de baixa intensidade". Esse paradigma carateriza-se, entre outros traços, na definiçom do dossier *A repressom na Galiza de hoje* editado pola Nós-UP em maio de 2005, pola "permanente recopilaçom de informaçom [...], o caráter seletivo e personalizado da repressom" e, sobretodo, "a aplicaçom de umha coaçom que nom cause alarme social mas pressione efetivamente a militáncia independentista (repressom económica, acosso da acçom política legal, etc.)".

Fora a plasmaçom seletiva ou massiva da repressom que está por vir e que é difícil adivinhar, o certo é que todas as vozes concordam em assinalar precisamente a menor visibilidade do castigo económico frente às petiçons de prisom como a arma principal que o Estado guarda na reforma. Frente à imagem ameaçadora da cadeia que costuma ver-se como mais 'desproporcionada' e levantar mais apoios solidários, as multas desta magnitude procurariam neutralizar politicamente mais gente, mais rápido e com menor resposta. Umha repressom moderna, asséptica e eficiente, à medida dos governos da 'austeridade' imposta.

A FUNDO

Na Galiza convivem três modelos diferentes de gestom de resíduos sólidos urbanos.

ADMINISTRAÇOM AUTONÓMICA CONTINUA A APOSTAR POLA INCINERAÇOM DO LIXO

Modelo Sogama: queimar, tirar, poder-se endividar

Europa prioriza nos planos prevençom, reutilizaçom e reciclagem

No território galego convivem atualmente três modelos diferentes de gestom de resíduos sólidos urbanos. O maioritário é o sistema Sogama, amparado pola Junta e baseado na incineraçom, umha prática que as diretivas europeias estám a relegar aos últimos postos nas suas preferências de gestom. Além disso, existe também o modelo corunhês de Nostiám, que trata os resíduos através da compostagem e a biometanizaçom; por fim, o da Mancomunidade do Barbança, de compostagem aeróbia, sendo este último o que atinge melhores dados de reciclagem. Nos últimos 10 anos a produçom de resíduos por parte da populaçom galega incrementou-se, se bem que a crise económica está a frenar tais cifras. Ecologistas indicam que para umha boa gestom dos resíduos é fundamental, além de diminuir a sua geraçom, a recolhida e separaçom do lixo em origem. Assim, enquanto a Administraçom autonómica aposta pola construçom dumha nova planta incineradora, os movimentos em defesa do meio ambiente exponhem alternativas de proximidade como a compostagem doméstica e comunitária ou a recolhida porta-a-porta.

A. LOPES / "A exagerada geraçom atual de resíduos é a consequência da ineficiente utilizaçom dos recursos naturais nas atividades humanas", assinalou o consultor ambiental Alfonso del Val no Foro Europeu da Reciclagem 2013 celebrado em Ponte Vedra. Del Val expunha que a atual sociedade industrial tem como prioridade a fabricaçom de objetos para satisfazer necessidades de mercado enquanto invisibiliza os resíduos que gera e desenvolve tecnologias de alto custe e contaminantes para eliminar e ocultar essa vergonha do progresso que é o lixo. "Resulta difícil assumir que a maior produçom do nosso avançado modelo industrial corresponda aos resíduos", indicava.

Vertedouro de Areosa, de 330.000 m2, ampliará-se 40%

"A nossa maior produçom industrial som os resíduos"

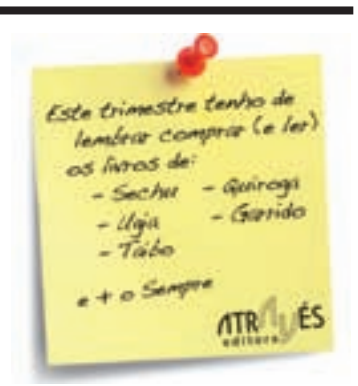
Vista aérea da planta de Sogama

No referido aos resíduos urbanos, existe umha série de diretivas e legislaçons que dam preferência a atitudes como a prevençom, a reutilizaçom e a reciclagem mas que na sua aplicaçom prática quedam no ar e batem contra os interesses empresariais e as claves de negócio em que se move o atual sistema económico dominante. Deste modo, a hierarquia que estabelece a Diretiva 98/2008/CE, ou Diretiva Marco de Resíduos, emprega esta ordem de preferência: a prevençom, a preparaçom para a reutilizaçom, o reciclado, a valorizaçom energética e por último, a eliminaçom dos resíduos. Mas, olhando cara a realidade galega e analisando o sistema de gestom que promove a Junta da Galiza, no chamado modelo Sogama, observa-se o incumprimento destas directrizes.

Umha metade para queimar, outra para tirar

Em que se baseia o modelo Sogama? Especialmente na incineraçom e no vertido, os dous tratamentos mais poluentes com o entorno. O Complexo Medioambiental de Cerzeda tem capacidade para tratar anualmente umhas 550.000 toneladas de lixo e presta serviço a 294 concelhos. No ano 2009 a produçom total de resíduos atingiu as 1.214.148 toneladas, segundo dados publicados no Plano Geral de Resíduos Urbanos da Galiza (PGRUG) 2010-2010, umhas cifras que salientam a incapacidade da planta de Sogama para dar cobertura à maioria dos concelhos galegos. Assim, segundo tenhem denunciado diversas associaçons ecologistas, cada ano o Complexo de Cerzeda recebe mais de 900.000 toneladas de lixo, das que perto da metade som desviadas ao vertedouro de Areosa. Esta infraestrutura conta com umhas dimensons de 330.000 m2 e verá-se proximamente ampliado num 40%, o que indica que atualmente se encontra ao limite das suas capacidades. Segundo indica o ecologista Xan Duro, neste vertedouro albergam-se "milhons de toneladas de resíduos de todo tipo, incluídos hospitalários e farmacológicos provenientes do Sistema Integrado de Gestom e Recolhida de Contentores (Sigre)". O 43% dos resíduos urbanos que recebe a planta de Cerzeda estám destinados à incineraçom. Para a incineraçom destes resíduos o Complexo conta com umha planta de co-geraçom alimentada por gás natural, a qual prepara o lixo para a sua queima, e com a própria planta de incineraçom, obtendo-se energia elétrica em ambas as duas fases. O professor de Engenharia Química, Manuel Soto, explicava num artigo da revista *Cerna* o seguinte: "Pudemos calcular a eficiência energética para os anos 2006 a 2008 (únicos em que houve informaçom pública suficiente), que resultou na escala de 0,25 a 0,41, inferior portanto ao valor de 0,6 estabelecido na atual normativa para poder considerar a incineraçom como valorizaçom. A razom principal topa-se em que Sogama nom aproveita o calor residual da combustom do lixo, ao nom terem consumidores no lugar onde se encontra. Portanto, a sua eficiência nunca poderá ser elevada".

Um dos problemas fundamentais de Sogama está na recolhida por coletores. À planta de Cerzeda vam parar os resíduos depositados no coletor verde, onde se junta a fraçom orgânica e a chamada fraçom resto (lixo nom reciclável e que constitui arredor do 10% da bolsa do lixo a nível galego), e também boa parte do que se bota no coletor amarelo, para contentores ligeiros. Quer dizer, está a juntar umha fraçom reciclável, como pode sé-lo a fraçom orgânica através da compostagem, com resíduos que nom o som. Ademais, ao ser a matéria orgânica fundamentalmente húmida Sogama está a gastar energia para secá-la e poder queimá-la.



Para além, estám os dados de poluiçom, sendo Sogama a sexta empresa mais contaminante da Galiza segundo tenhem denunciado coletivos ecologistas. A planta de Cerzeda emite à atmosfera gases prejudiciais como dióxido de carbono ou óxido nitroso, ao que há que somar as emissons de gás metano do vertedouro de Areosa, ou o vertido de metais pesados como o mercúrio ou as escórias e cinzas que resultam da incineraçom, podendo chegar estas últimas às 20.000 toneladas anuais.

Sogama : negócio e dívidas

A propriedade de Sogama divide-se num 51% da Junta da Galiza e num 49% de Gás Natural Fenosa, o que orienta esta empresa cara ao negócio elétrico. Segundo explicou o deputado pola Alternaiva Galega de Esquerdas (AGE), Antón Sánchez, num artigo no web Praza Pública, Sogama começara empregando a própria energia elétrica que produzia para abastecer as suas próprias instalaçons, mas com o Decreto 661/2007, que primava as energias renováveis e de co-geraçom, "Sogama passa a vender a energia resultante da incineraçom a um preço elevado, devido à prima, enquanto adquiria outra mais barata para o consumo próprio". Com esse decreto ainda em vigor, a Junta assinava um contrato por valor de 17,5 milhons de euros em que adjudicava a Gás Natural Fenosa por três anos o subministro elétrico da planta, polo que dava o visto bom às operaçons de venta e compra de energia antes descritas. Mas, com o fim da prima às energias de regime especial todo este negócio rebenta.

Estes nom som os únicos problemas de dinheiro com os que conta Sogama. Segundo estivo a denunciar o grupo parlamentar de AGE, no ano 2011 realizou-se com o beneplácito da Junta umha requalificaçom da classificaçom termo-elétrica de Sogama para obter a máxima prima pola energia gerada através da incineraçom de bio-massa. O Estado recorreu tal requalificaçom e Sogama, à espera de que se resolva tal recurso, poderia ter que devolver uns 11 milhons de euros. Para mais, segundo tenhem publicado os meios de comunicaçom convencionais, em 2017 e 2018 Sogama terá que devolver uns 45 milhons de euros de créditos, dos quais uns 25 milhons correspondem aos seus dous accionistas, Gás Natural Fenosa e Junta da Galiza, quem provavelmente adiem a exigência de pagamento.

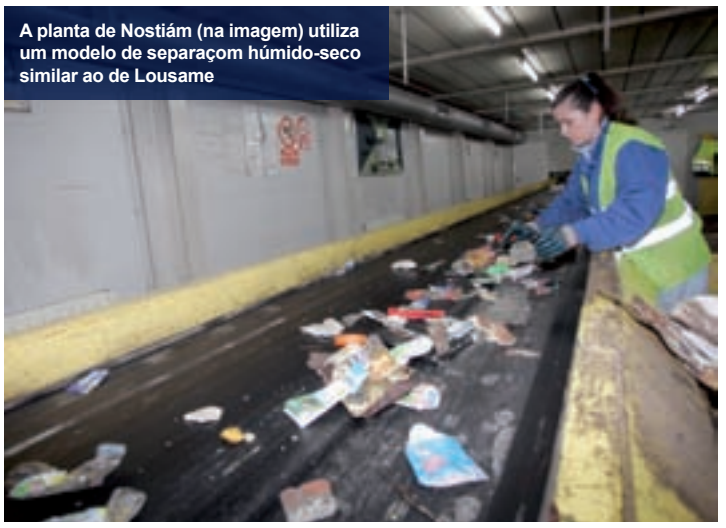
Todo este telom de fundo da polémica que se abriu depois de que Sogama anunciasse que ia subir num 34% a tarifa que os concelhos pagam por tonelada de lixo entregada a Sogama para o seu tratamento, tarifa que na atualidade ronda os 65 euros por tonelada.

Os sistemas Barbança e Nostiám

A.L. / A ameaça de suba das tarifas provocou que muitos concelhos se questionassem a sua relaçom com Sogama. Um deles foi o Concelho de Rianjo, cujo alcalde já anunciou a sua intençom de integrar-se no sistema desenvolto pola Mancomunidade do Barbança, com umha planta de tratamento em Lousame dedicada à compostagem.

As diferenças entre o modelo do Barbança e o de Sogama começam já na própria recolhida de lixo. Assim, o sistema do Barbança opta por umha separaçom húmido-seca, polo que a matéria orgânica vai a um coletor específico e a fraçom resto, junto com os contentores ligeiros. Isto permite que a matéria orgânica, húmida, nom se misture com outro tipo de refugo e poda reciclar-se através da compostagem. Segundo indicam do coletivo ecologista Adega, a compostagem resultante costuma ser de classe B, apto para o seu emprego na agricultura tradicional.

Assim, o esquema de tratamento dos resíduos na planta de Lousame, que tem como concessionária à empresa FCC, é o seguinte: para a parte inorgânica (a 'fraçom resto' e os contentores ligeiros) há um tratamento em que se segregam as partes recicláveis das que nom o som, enquanto a parte orgânica se destina à compostagem através dum sistemade



A planta de Nostiám (na imagem) utiliza um modelo de separaçom húmido-seco similar ao de Lousame

> Ambas as duas plantas optam polo sistema de separaçom húmido-seca

túneis e de maduraçom aeróbia (com oxigeno). Os resíduos que a planta de Lousame nom é capaz de assumir som deslocados a um vertedouro. Atualmente os vertidos, segundo assinala o professor Manuel Soto, superam o 50% dos resíduos recebidos e indica também que estas cifras melhorariam com umha melhor participaçom da populaçom na fase de recolhida em origem. Segundo os dados que aporta Soto no seu artigo da revista *Cerna*, esta planta consegue um 35% de valorizaçom dos resíduos (um 27% na recuperaçom de material reciclável e um 8% pola compostagem). As cifras de valorizaçom de Sogama, modelo de gestom polo que aposta a Junta da Galiza, apenas atingem o 8%, que é a fraçom de contentores ligeiros que se recupera antes da entrada do lixo à planta de Cerzeda.

Nostiám

A planta de tratamento de resíduos urbanos de A Corunha, locada em Nostiám, presta serviço a este concelho e aos que formam parte do Consórcio das Marinhas, circundantes à cidade hercúlea. Conta com um sistema de recolhida húmido-seco similar ao de Lousame, mas as cifras de valorizaçom som inferiores e atualmente, segundo indica Soto, "já nom pode verter mais a pé de planta, polo que tem que enviar a terceiras empresas". Recentemente, a planta de Nostiám foi notícia polos três meses de luita graças aos que as pessoas que trabalham nesta infraestrutura conseguírom paralisar um ERE apresentado pola empresa Albada, concessionária que gere esta planta.

A diferença fundamental entre o modelo Barbança e o de Nostiám está em que está última emprega parte da matéria orgânica para a geraçom de biogás enquanto nom é capaz de elaborar um compostagem de qualidade. Em *Cerna*, Soto expóm que trás os tratamentos de biodigestom da matéria orgánica, juntam-se restos orgánicos e inorgánicos para a criaçom de compost, polo que "o resultado é umha compostagem de qualidade insuficiente para o seu uso agrícola". Deste modo, um 66% dos resíduos tratados rematariam em vertedouro enquanto os níveis de valorizaçom atingiriam o 13% (umha cifra correspondente com a recuperaçom de material reciclável, nom se conta o 20% da matéria compostada ao nom conseguir esta certos níveis de qualidade).

Alternativas: compostagem e recolhida porta-a-porta

A.L. / No passado mês de Novembro celebrou-se o Foro Europeu da Reciclagem em Ponte Vedra, organizado pola associaçom ecologista Adega, em que se expugérom diversas iniciativas sobre gestom de resíduos descentralizadas e focadas na prevençom, na reutilizaçom e na reciclagem. Assim, expugérom-se diversas alternativas de proximidade, como a compostagem doméstica e comunitária, um método que ademais de reaproveitar a matéria orgânica que se gera na própria casa, combate também um dos grandes problemas dos sistemas centralizados, como é o transporte dos resíduos desde o seu lugar de origem até à planta de tratamento, com a contaminaçom ambiental que este transporte provoca.

A nível galego, neste Foro expugérom-se experiências de compostagem como as desenvolvidas na Universidade da Corunha (UdC) ou polo próprio coletivo Adega. No caso da UdC, está-se a desenvolver um programa de compostagem descentralizado que está a reaproveitar diversos resíduos orgânicos e vegetais. Este programa conta com a instalaçom dum compostor dinâmico, que permite acelerar o processo de compostagem, e outros vários compostores dumha capacidade de 320 litros. Assim, o resultado é um adubo de classe A (apto para a agricultura ecológica) que se destina para as hortas urbanas do próprio campus.

Pola sua banda, Adega apontou que leva uns 10 anos fazendo atividades de formaçom sobre compostagem doméstica e que já leva instalados compostores em mais de 3.000 vivendas galegas. O coletivo ecologista está também a desenvolver programas de compostagem comunitária que atualmente estám a se desenvolver em três concelhos: Fene, umha experiência de dous anos, em que se já se levam assumido os restos de um comedor e vários prédios da contorna; Sam Sadurninho, locado no núcleo urbano e que gere os resíduos orgânicos de três estabelecimentos; e em Bueu, onde o projeto se encontra atualmente paralisado.

Porta-a-porta

Ao foro acudiu também o alcalde da localidade basca de Hernani, Luis Intxauspe, para explicar o sistema de recolhida porta-a-porta que se está a pôr em prática neste município. Tal sistema porta-a-porta realiza-se através duns penduradores com códigos onde cada dia se deposita umha fraçom de lixo diferente. Intxauspe destacou que foi um processo que contou com participaçom da populaçom, debatendo-se temas como os lugares ou os horários de recolhida.

Os sistemas de recolhida porta-a-porta levam já vários anos instalados em Catalunya. Em 2012, uns 82 concelhos cataláns empregavam sistemas porta-a-porta, 608 concelhos um modelo de coletores de calçada e uns 28 combinavam ambos os dous modelos, indica o professor Manuel Soto em *Cerna*. Assim, este tipo de recolhida permite atingir entre o 60% e o 80% de recolhida separada dos resíduos orgânicos.
Perguntado sobre qual seria o sistema de gestom de resíduos, Soto indicou: "Combinar compostagem doméstica, comunitária e pequenas plantas de até uns 100.000 habitantes". Um sistema em que o modelo de recolhida de porta-a-porta daria umhas boas cifras de recolhida e separaçom em origem para o tratamento em planta dos resíduos.

TRIBUNA

"O capitalismo é o terrorismo" foi umha das palavras de ordem mais repetidas desde o nascimento do movimento 15-M

A perseguiçom ao movimento de libertaçom nacional (e II)

PRECISAMOS DUMHA RESPOSTA AMPLA ANTE A VULNERAÇOM SISTEMÁTICA DE DIREITOS HUMANOS

Na primeira parte deste artigo, publicado no NOVAS DA GALIZA Nº131, analisava-se o processo de criaçom dumha suposta organizaçom terrorista como necessidade do Estado espanhol e as motivaçons políticas que isto encerra. Nesta segunda e última parte, atende-se à guerra semántica arredor do significante "terrorismo", ao uso que o Estado fai da violência e, para concluir, debulham-se as necessárias respostas sociais de tipo antirrepressivo.

TANIA GARCÍA / Se calhar as companheiras da Galiza ContraInfo dariam numha das chaves da questom quando gravárom um vídeo intitulado 'terrorismo é', que rematava com o texto "terrorismo é apropriar-se das palavras". A atribuiçom de significados é umha das armas mais importantes do Estado, assim *O capitalismo é o terrorismo* foi umha das consignas mais repetidas desde o nascimento do movimento 15M nessa dialéctica de negociaçom das semánticas da esquerda política e da esquerda social. "É evidente", dim os companheiros da Esculca, "que o terrorismo é um campo onde que os poderes hegemónicos contam com umha posiçom especialmente privilegiada na determinaçom do processo de atribuiçom de significados".

> A verdadeira guerra aqui presente é a guerra pola semántica

Nom podemos fugir neste texto à ideia que temos de terrorismo: terrorismo som todas aquelas medidas que atentam contra os direitos das classes trabalhadoras e contra o nosso povo, a nossa terra ou a nossa cultura ou contra outros povos, outras terras ou outras culturas; terrorismo é o patriarcado, o feminicídio e os crimes de ódio. Terrorismo é todo aquilo que nos pretende infundir medo. Nom imos cansar de repetir este discurso da *violência de luva branca*, mais há outro terrorismo de Estado que é latente e está cheio de sangue.

Já no ano 2004 Theo Van Boven, relator da ONU para a tortura, emitiria um relatório onde sublinhava a excecionalidade em matéria de dispersom do Estado Imperialista Espanhol (EIE), assim como expressava que a tortura ou os maus-tratos nom eram sistemáticos no Estado e negou que fossem regulares, mas que no seu juízo, as denúncias de maus-tratos "nom podiam ser consideradas umha invençom quando as partes denunciantes correspondem quase sempre a pessoas acusadas de terrorismo"; por isto propunha ao governo gravar os interrogatórios ou eliminar a incomunicaçom. A Human Rights Watch confirmava a tortura como prática sistemática no EIE no volume 20 número 1 de janeiro de 2005. A Amnistia Internacional, pola sua banda, propunha ao governo de Zapatero um "Mecanismo Nacional de Prevención de la Tortura". Apesar de estas vozes nom serem nada suspeitas de ser revolucionárias, venhem legitimar o que Xabier Makazaga diria no ano 2009 centrando-se no caso basco[1]: "que as torturas no Estado espanhol som generalizadas e que os torturadores gozam dumha grande impunidade". Nesta publicaçom Makazaga desmonta a versom do EIE de que cada vez que há denúncias por torturas, os denunciantes seguiram um suposto manual de ETA.

É importante sublinhar aqui que o número de pessoas presas no EIE triplicou desde a última década do franquismo; como também é importante visibilizar a realidade de que nas prisons de mulheres continua a haver guardas homens, e que se os homens nos agredem no exterior com impunidade, quanto mais quando tenhem todo um aparelho que os protege e os legitima. É o aconteceu, entre outras mulheres, a Noélia Cotelo Riveiro, presa galega cuja condena de um ano e meio de cadeia foi alargada por manter umha atitude de insubmissom e denunciar as agressons que sofrera nos estabelecimentos penitenciários de Brieva e Picassent. Esta luita que inclui greves de fame que quase lhe custam a vida, foi absolutamente silenciada polos meios de comunicaçom burgueses, e fôrom as suas redes afetivas protagonizadas pola sua nai Dolores Riveiro, que tornárom pública a situaçom.

> O número de presos triplicou-se desde a queda do franquismo

Estratégias antirrepressivas

"Nom queriamos fazer um trabalho de ajuda ao necessitado dizendo "pobrinhos, estám presos!". Nom, estám presos porque estám a luitar por algo. Nós estamos em prol desse algo e queremos explicá-lo. Rouba-se-lhes a palavra quando estám presos, polo que queremos continuar a explicar a sua motivaçom, a sua luita... Nós apoiamos claramente os seus objetivos e o seu compromisso. Nom podemos apoiar alguém que está detido ou perseguido sem apoiar e destacar a sua causa. O apoio ou é política ou nom é[2]".

A verdadeira guerra aqui presente é a guerra pola semántica que teremos que combater afastando-nos das dissidências do MLNG e dos oportunismos políticos (como a intervençom de Ana Pontón no Faladoiro da TVG no dia da detençom de duas companheiras em Lugo há quase dous anos onde agradece a existência de dispositivos policiais antiterroristas no nosso país -intervençom que dista das posturas que hoje adotaria o Bloque Nacionalista Galego[3]-).

Com a fenda que abriu o julgamento dos dias 24 e 25 de junho, evidenciou-se a necessidade de criar, fortalecer, ou polo menos debater, sobre a utilidade das atuais ferramentas antirrepressivas, e sobretodo da estratégia a seguir, na sua operáncia ou intervençom com a realidade social. Se bem mais de 500 pessoas e quarenta organizaçons políticas e sociais assinárom o Manifesto do organismo antirrepressivo Ceivar durante o mês de junho, o certo é que tal assinatura provocaria numerosos debates internos e, em qualquer caso, poucas das organizaçons assinantes consideram esta ferramenta como apropriada, o qual nom deixa de ser um posicionamento distinto em matéria antirrepressiva mas que tem um resultado nefasto para o povo galego ao situá-lo numha posiçom de indefensom frente o discurso hegemónico. Precisamos, e disto som conscientes as atuais ferramentas antirrepressivas, dumha resposta ampla ante a vulneraçom sistemática de direitos humanos. Hoje, esta realidade achou um certo consenso, mas nom fica clara qual é a estratégia a seguir na construçom dumha iniciativa que ponha em evidência a violência que o EIE exerce contra o povo trabalhador galego.

Umha opçom estratégica poderia ser o modelo da recém-criada Silveira em Compostela, acolhida polo panorama soberanista da comarca com boas expectativas, que pretende juntar as experiências repressivas de diversos ámbitos, colocando ao pé da problemática independentista a problemática das pessoas migrantes ou das pessoas *sociais*, assim como a problemática dos despejos ou da violência machista.

Ainda que este caminho se apresente interessante para a correlaçom de forças, a verdade é que este tipo de respostas, cuja natureza nom é o suprirem outras iniciativas, desafiam a lógica das clássicas organizaçons antirrepressivas,

Ao inimigo nom lhe importam as regras do jogo, mas o objetivo

alto-falantes das vozes seqüestradas trás os muros, e nom só altofalantes solidários, altofalantes comprometidos com um projeto político concreto. Esta é a premissa inicial no trilhado debate arredor da dicotomia entre as presas *sociais*, representando a necessidade dumha mudança estrutural, e as presas *políticas*, representando a dificuldade de tal mudança nas suas últimas conseqüências e rompendo, se calhar de modo mais evidente, com o fundamento carcerário da reinserçom, pois as ideias revolucionárias nom som em nengum caso reinsertáveis. A categorizaçom é neste caso umha estratégia de luita política.

Perante o contexto repressivo atual, cumpre colocar a exigência moral e o dever político que os diferentes agentes sociais tenhem na hora de debater a estratégia antirrepressiva a seguir. É preciso ter presente que ao inimigo nom lhe importam as regras do jogo mas o objetivo, polo que o que se persegue em todo o caso ao perseguir o Movimento de Libertaçom Nacional é a orientaçom política revolucionária da postura independentista. Ignorar este facto, argumentando que essas presas pertencem a umha ou umha outra órbita política ou argumentando que tais presas escolhêrom uns meios para a consecuçom dos seus objetivos evidencia até que ponto calhou o discurso hegemónico arredor da justiça e da sua materializaçom no regime prisional.

As presas galegas, sejam do que for, som o espelho do nosso povo trás os muros, som o retrato dumha opressom, em definitiva, sinceramente acho que som as nossas resistências.

"O sistema: O torturador é um funcionário. O ditador é um funcionário. Burócratas armados que perdem o seu emprego se nom cumprem com eficiência a sua tarefa. Isso, e nada mais do que isso. Nom som monstros extraordinários. Nom imos agasalhar-lhes a grandeza[4]".

---

1. Makazaga, X. (2009). *Manual del torturador español*. Bizkaia: Txalaparta.

2. Terexa Mixelena, membro da Errepresioaren Kontrako Batzordea (Assembleia contra a Repressom, fundada em 1983 em Ipar Euskal Herria para apoiar as presas de Iparretarrak).

3. A intervençom pode-se ver aqui: *http://youtu.be/Q3x7xgnz7SY*

4. Eduardo Galeano en Martín, C e Francesc, R. (1992). *Afirmación y resistencia: la comunidad como apoyo*. Virus Editorial. Pág. 26.

MEDIA

Quando o espetáculo vence a informação

L.R. / Televisão de Galiza e serviço público são termos que há já tempo que não vão da mão. Mas nos últimos anos semelha que não só não se parecem, senão que foram convertidos em antônimos. O programa Galicia 112, dedicado maioritariamente a contar, recriar e remexer em crimes presentes ou passados, dá conta desta antonímia.

Sob a definição -ou disfarce- de "divulgativo", de "espaço de colaboração cidadã" que pretende seguir de perto o trabalho das forças de seguridade e salvamento como a polícia ou os bombeiros, este programa propõe uma aproximação sensacionalista à parte mais violenta e agressiva da realidade: assassinatos, crimes, desaparições.

Não há mais que dar umha olhadela aos temas principais das últimas emissões para se decatar de que, mais que oferecer um panorama da atualidade, o que se pretende é enganchar o público e incrementar a audiência com temas de impacto. A miúde as imagens utilizadas vão carregadas de violência, lançadas sob titulares de estilo tabloide: "a parricida de Noia", "o crime da estrictina", "meninos roubados".

A evolução desde os primeiros programas, que começaram a se emitir em outubro, até os mais recentes, tem sido evidente. De uns temas mais "light", como transplantes, calotes ou desaparições, passou-se a programas centrados em crimes e violência. A finais do passado mês, por exemplo, emitia-se uma reportagem em que se acompanhava uma unidade policial ante uma denúncia por violência machista. A peça estava narrada num tom que quase não fazia diferença com qualquer outro tipo de denúncia ou agressão.

Que achegam conteúdos como estes? Que oferecem, ademais do morbo e a exageração? A través de recriações ridículas, tiram de crimes do passado para encher minutos com ficções e entrevistas a testemunhas.

Mesmo os scripts resumam dessa violência. Na condução das entrevistas, a apresentadora principal amossa-se agressiva. As mais das vezes nem sequer deixa falar os convidados, a quem interrompe constantemente para os levar ao rego dos detalhes de cada caso em que ao script lhe interessa se centrar.

O 'caso Asunta'

A primeira emissão de Galicia 112 começava com imagens da nai de Asunta Basterra em Compostela, entrando num carro policial baixo os berros da vizinhança alí reunida, chamando-a assassina. Toda uma declaração de princípios do programa e da posição mantida a respeito do crime.

O caso da adolescente assassinada em Compostela tem sido um dos maiores fornecedores de material a Galicia 112 desde a primeira emissão. Com uma escasseza de tacto que pouco se diferencia do tratamento que se tem dado a este mesmo tema noutros espaços e canais, fica ausente o respeito pelos direitos da menina e dos acusados.

A presunção de inocência esvaece-se. Aponta-se direito aos suspeitos como culpáveis, e a cada

Beatriz Pino é a encarregada de conduzir 'Galicia 112'

Galicia 112 propõe uma aproximação sensacionalista à parte mais violenta da realidade

tanto esta posição é justificada ao lembrar, de esguelho, que o são, mas presumivelmente. No último programa em que se falou do caso, uma detetive privada levada ao estúdio, declarava: "na minha opinião, esta senhora perdeu a cabeça; ela quer uma vida diferente da que tem e todo ao seu arredor lhe molesta". Um critério pouco esclarecedor e, já agora, nada profissional.

Assim, tem-se falado da adolescente, de detalhes da sua vida privada e da dos seus pais, sem cancelas, obviando que não só são dados que não achegam informação relevante aos espetadores, senão que mesmo atenta contra a sua imagem e o seu direito à intimidade, mesmo não estando viva.

O tratamento deste caso por parte da maioria dos meios de comunicação, galegos e estatais, não é senão a ponta do icebergue de uma tendência geral de precarização dos conteúdos. Uma batalha que está a ganhar a propaganda ao jornalismo, o espetáculo à informação.

O programa Galicia 112, pagado com orçamentos públicos, não ajuda a dignificar a Televisão de Galiza. Muito menos a fomentar a cidadania crítica. Muito ao contrário, contribui para empobrecer os seus conteúdos e precarizar as suas redações. Cada vez fica mais longe do que um meio de comunicação público devesse ser.

NOTAS DE RODAPÉ

Fólios perdidos no epitáfio de Mandela

As equipas das cadeas de TV da UE e dos Estados Unidos, pareciam formigas no carreiro à entrada do aeroporto de Joanesburgo. À beira deles, jornalistas do sul empobrecido que denunciam os moscardos assassinos (drones) e os escravistas do século XXI. Comparando as suas crónicas, observamos que aos do norte se lhes extraviárom um par de fólios ao contarem a façanha de Mandela.

A caso nom o exaltárom? Mais bem ao contrário: a retórica das grandes agências elevou Mandela ao Olimpo dos virtuosos com tal faramalha de loas que nom deixárom ver a parte do cerne da sua biografia. Os tremolos da UE e dos Estados Unidos fôrom para o martírio e o perdom e a linha editorial dos médios do Estado mantém sem chistar esta sintonia.

Os meios que contam a resistência heróica de Mandela contra o racismo e a colónia carecem na sua maioria de ecrás e de emissoras de imagem.

Generosíssimos na informaçom de minúcias ridículas do sepélio, os partidários de chamá-lo santo e mártir, deixam sem explicar porqué o governo de Pretória resistiu ofertas de intervençom de muitos governantes e impujo cinco discursos de países que de verdade lutaram com eles para derrubarem o Apartheid: Cuba, Brasil, China, Índia e Namíbia. (Somem o inevitável Estados Unidos que só se apresentou no final daquele martírio, de forma oportunista).

Que fijo Cuba para merecer o lugar de honra em Joanesburgo? Defender com as armas a independência de Angola em 1976 e derrotar irremissivelmente os racistas da África do Sul em 87 em Cuito Cuanavale (SE da Angola). Dous fitos que obrigaram os defensores do Apartheid a iniciar conversas com o Congresso Nacional Africano.

Para o terrorista morrer só como mártir, os meios ocultárom esta evidência.

A FUNDO

Conversa com representantes de UGT-Galicia, Comisións Obreiras, CIG, CUT e CNT

Greve geral, por que nom?

A.L.R., R.R. E X.R.S. / Em 14 de novembro os sindicatos mobilizavam-se para protestar contra a reforma das pensons do Governo espanhol. Fazia um ano da última greve geral convocada na Galiza e noutros países europeus. E após um ano de perda de direitos sociais e laborais, com mais de 13.000 novos desempregados, somando já 277.000 -quase tantos como habitantes tem Vigo-, parece que nom dá chegado umha resposta social diante desta situaçom, e os dias continuam a passar. É possível frear as políticas do Partido Popular? Como? Conversamos -por separado- com os principais sindicatos da Galiza, UGT, CCOO-Galicia, CIG, CUT e CNT para conhecer as estratégias que estas organizaçons desenvolvérom e vam desenvolver para fazer frente às políticas governamentais e, também, sobre o papel que ocupa a greve geral nessa estratégia.

Convocada contra as políticas da *troika* em geral e contra a reforma laboral de 2012 no caso particular do Estado espanhol, a greve triunfava na Galiza, onde tivo o maior acompanhamento de todo o território do Estado espanhol. As organizaçons convocantes contabilizárom até meio milhom de pessoas nas mobilizaçons que percorrérom o País em 14 de novembro do ano passado. E asseguravam que as mobilizaçons haviam de prosseguir até o executivo de Rajoy voltar atrás. Efetivamente, o número de manifestaçons medrou na Galiza e fora, mas Rajoy nom só nom voltou atrás, como ainda continuou com a sua agenda de "ajustes". E hoje anda a preparar umha nova reforma laboral que aprofunde na primeira.

Todos os sindicatos concordam na gravidade do momento para a classe trabalhadora e para a cidadania comum em geral. Os discursos som de sobra conhecidos. "Este país está-se a empobrecer a passos agigantados, umha minoria governa contra as maiorias", alerta Xosé Manuel Sánchez Aguión, secretário-geral das CCOO-Galicia; mentres o secretário da Política Sindical e Relaçons Laborais e Formaçom da UGT, José Domingo Barros, culpa as políticas de austeridade de "nos levarem ao abismo do desemprego".

> "A situaçom semelha cada vez mais um romance de Dickens"

Que a situaçom é péssima deve ser das poucas cousas em que existe certo consenso entre os grandes sindicatos estatais e as centrais nacionalistas e a anarquista. Antolín Alcántara, secretário da Negociaçom Coletiva da CIG, fala da "ofensiva" na reduçom de salários e na desproteçom fronte ao despedimento; enquanto Francisco Caamaño, secretário-geral da CUT, se refere ao momento presente como de "excecionalidade histórica" e vê umha "regressom aos anos quarenta". Carlos Valdes, secretário-geral da CNT de Compostela, diz que "estamos retrocedendo quase a níveis do século XIX. Isto é quase um romance de Dickens".

O que fazer?

Todos os sindicatos assumem que tenhem que desempenhar um papel ativo ante o contexto de cortes laborais e sociais. Para a UGT, os sindicatos som um dos "últimos bastions" contra as políticas de ajuste e CCOO sublinha em que o seu papel também é de defesa da cidadania em geral, nom só da classe trabalhadora. A CIG e a CNT concordam em que lhes cabe a responsabilidade de "transmitir" à gente a que obedecem os cortes sociais e de promover a "tomada de consciência".

As diferenças vam surdindo no momento de se concretizar este papel no trabalho prático. A UGT e CCOO ponhem o acento na luita na empresas e na negociaçom coletiva para se defender os salários e os direitos laborais. A UGT marca-se como objetivo expresso obrigar o Governo a pactuar as "medidas mais importantes" com a oposiçom e critica que os agentes sindicais e empresariais tenham sido excluídos das negociaçons.

Os "êxitos" da reforma laboral

RAUL RIOS / Que "cada vez estamos pior" parece estar já assumido polo imaginário coletivo. No ano que decorreu desde a última greve geral, a reforma laboral de 2012 tivo tempo para deixar sentir os seus efeitos no tecido social. As advertências de economistas e sindicatos tornárom-se realidade palpável na vida diária das pessoas. Depois engrossar as filas do INEM com 126.000 novos desempregados e de diminuir a populaçom ativa em 370.400 pessoas, com um saldo resultante de quase 500.000 ocupados menos em todo o Estado espanhol (dados da EPA entre o terceiro trimestre de 2012 e o mesmo trimestre de 2013), o governo de Rajoy está a preparar umha nova reforma laboral que aprofunde na do ano passado. Na Galiza destruírom-se até 41.500 postos de trabalho e o número de parados medrou em nada menos que 13.000 pessoas.

Que a reforma laboral de 2012 ia contribuir para engrossar desemprego e para reduzir o número de pessoas ocupadas e de populaçom ativa parecia óbvio. O próprio secretário-geral da OCDE, o mexicano Ángel Gurría, afirmava no passado mês de julho que a reforma nom ia evitar a "tragédia social" do desemprego. O exército de desempregados continuaria a crescer polo menos até finais de 2014 segundo este *think tank*. Mas Gurría defendia a reforma, pois teria servido para corrigir "as rigidezes e a excessiva carestia dos custos laborais", o principal argumento esgrimido pola classe empresarial.

Outros fôrom ainda mais longe na sua defesa da reforma, como a ministra do Emprego espanhola, Fátima Báñez. Amparando-se num extenso relatório feito polo seu Ministério, Báñez afirmou que a reforma significou um dique ao aumento do desemprego, pois, ainda que se perdérom 633.000 postos de trabalho num ano [desde o segundo trimestre de 2012 ao mesmo trimestre de 2013], a reforma do PP evitou que se perdesem mais 255.800 empregos. Este cálculo tam exato é fruto do próprio relatório do Ministério. O melhor para se sair de dúvidas será talvez consultar os dados disponíveis.

Menos expectativas de trabalho

Como se pode ver no gráfico, o ritmo de parados depois da reforma laboral cresceu a um ritmo menor do que nos mesmos períodos interanuais anteriores. "A reforma conseguiu conter o desemprego!", poderá proclamar Báñez. Se entre 2011 e 2012 houvo 800.000 novos parados, neste último ano só se contabilizárom 126.000. Aparentemente, todo um êxito.

A grande diferença a respeito de anos anteriores é a destruiçom de populaçom ativa, isto é, de populaçom com emprego ou que demanda emprego (desempregados). Passado um ano desde a reforma laboral de Rajoy, 370.000 pessoas deixárom mesmo de procurar trabalho em todo o território do Estado, 28.500 delas na Galiza. Entre 2011 e 2012 a populaçom ativa só decrescera em 36.000 pessoas e, antes desse ano, a

EVOLUÇOM DA ATIVIDADE, OCUPAÇOM E DESEMPREGO NA GALIZA

EVOLUÇOM	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Taxa de actividade (%)	55,56	55,06	55,14	55,27	55,49	54,66
Taxa de ocupaçom (%)	50,85	48,26	46,94	45,74	44,32	42,86
Taxa de desemprego (%)	8,47	12,35	14,86	17,25	20,13	21,59

Dados em milhares de pessoas / Elaboraçom própria / Fonte dos dados: EPA
Nota para as duas gráficas: Os dados correspondem ao terceiro trimestre de cada ano, coincidente com o verao, no que a ocupaçom é tradicionalmente mais alta do que a média anual. Acontece o mesmo com as taxas de ambos quadros. Destaca-se este trimestre porque permite apreciar a evoluçom dos indicadores desde as reformas laborais tanto do PSOE (2010) como do PP (2012), aprovadas no verao.

Esta “cultura de pacto”, em palavras de Antolín Alcántara, é duramente criticada pola CIG, que culpa a UGT e CCOO da desmobilizaçom da classe trabalhadora. “Fôrom administrando eles, pactuando reformas das pensons, reformas laborais, os convénios coletivos pactuados polas cúpulas com a CEOE...”. Contra isso, Alcántara defende mais intensidade na resposta ante a “agressom” e recorda que a CIG leva convocando mobilizaçons “quase todos os meses” para dar maior dimensom à resposta social. Aposta em “ir fazendo amadurecer a situaçom até se chegar a um ponto de estoupido que poida ser definitivo”.

A CUT e a CNT também apostam na presença na rua. Caamaño pom como exemplo o Morraço, onde que se levam convocando desde há ano e meio mobilizaçons todas as semanas. “Há que ter umha atuaçom pedagógica com um discurso assumível pola gente”.

A greve

A burguesia é possuidora dos meios de produçom enquanto os trabalhadores só possuem a sua força de trabalho, que deve ser vendida aos primeiros para estes poderem extrair-lhes a mais-valia e reproduzir-se como classe. É um resumo do esquema marxista das relaçons de produçom, necessário para compreender o funcionamento dumha greve. A ideia chave é que sem força de trabalho, sem trabalhadores, a burguesia nom pode existir como classe. Dependem da força de trabalho do operariado. Numha greve, a força de trabalho cessa, para-se de extrair mais-valia, polo que a burguesia se vê pressionada e deve fazer cessons à classe trabalhadora para que o sistema volte a funcionar.

Todos os sindicatos consultados afirmam que, sem lugar a dúvidas, a greve é o instrumento mais poderoso com que contam os trabalhadores. No entanto, todos se mostram extremamente cautelosos no momento de considerar a eventual convocaçom dumha nova greve geral.

Por que nom?

Sim, todos os sindicatos falam com muita cautela dumha eventual greve geral; mas os motivos alegados polas centrais para explicar porque nom houvo nengumha no último ano distam muito entre si. Enquanto UGT e CCOO apelam à falta de condiçons para umha convocaçom; CIG, CUT e CNT acusam a sua debilidade mobilizadora ou a inoperância da greve tradicional de 24 horas.

“Nom podemos andar impondo a greve aos trabalhadores e ao mundo do trabalho porque subrairíamos credibilidade a essa possibilidade”, dim na UGT, que defendem protestar “com sentido” e “temporalizando as atuaçons”. “Vimos precedidos de três greves gerais nos três últimos anos”.

> UGT: “Nom podemos impor a greve aos trabalhadores”
>
> A CIG vê inviável convocar um paro sem UGT e CCOO

Em termos semelhantes se expressa Sánchez Aguión, “[a greve] há que usá-la com muita inteligência e responsabilidade. Nom pode subtrair capacidade e força, tem que ser útil e produzir os seus efeitos”. O secretário-geral de CCOO-Galicia aponta que “nom por convocar muitas greves é muito mais efetivo”. Alerta de que a greve pode acabar por se desvalorizar como ferramenta e ser assimilada pola direita. “Parece que, por uns dizerem que querem greve e outros nom, som mais ou menos radicais”.

Alcántara, da CIG, assinala que umha greve, como qualquer resposta, tem que ser maciça. Adverte mesmo que nom bastaria uma greve geral, “ainda que fosse umha greve de sete dias, acabariam aguantando; aí está o caso da greve no ensino nas Ilhas Baleares ou o conflito do lixo em Madrid”. Preguntado por quê nom houvo greve na Galiza no último ano, explica que a CIG tem “umha força e umha representatividade concretas” e aponta para a UGT e as CCOO. “O grande problema é a fratura do movimento sindical e ter que enfrentar, a mais do sistema, organizaçons que estám a dizer que determinadas vias de mobilizaçom nom valem e que, ainda por riba, nom som passivas senom que boicotam”. Sobre a possibilidade de convocar a CIG sem UGT e CCOO como acontecera em 27 de janeiro de 2011, reconhece que nom é fatível.

“Sobram razons para convocarmos umha greve”, afirma Caamaño, da CUT, mas mostra-se precavido, reprovando a atitude dos grandes sindicatos: “No sindicalismo maioritário há uns que estám a fortificar o sistema e adotam umha atitude passiva”. Assim, a CUT olha mais alá da convocaçom ou nom convocaçom da greve geral: “Como já dizia Lenine, há que ter cuidado com as 'greves anti-greves'. Tenhem que ter umha utilidade concreta; se os sindicatos as convocam simplesmente para fazer ver a sua existência som greves assimiladas”. Nesse senstido, defende que tenhem que estar “relacionadas com um tempo e um lugar” e “desenhadas para ganhar”.

Por último, a CNT manifesta-se numha linha similar à da CUT: “A greve nom pode ser algo para ficar bem numha foto”. Desde o anarco-sindicalismo defendem que umha greve geral “nom deveria terminar até nom sermos capazes de organizar, nós próprios, as nossas condiçons de vida” e que a greve deveria ir encaminhada a “colapsar a maquinaria do sistema”. Em caso contrário, é “contraproducente”. “Nom deve oxidar-se convocando greves por convocar”.

De qualquer jeito, o debate sobre a convocaçom dumha greve geral nom está nas agendas das direçons sindicais. Estas exploram outras vias de mobilizaçom, desde manifestaçons a greves sectoriais ou mesmo comarcais. A reforma laboral continua aí e o Governo continua a lançar balons-sonda sobre umha nova reforma que “atualizará” a de 2012. Desde que foi aprovada, já fôrom destruídos mais de 40.000 postos de trabalho na Galiza, quase 500.000 no Estado espanhol. A pregunta que fica no ar é se funcionarám as atuais vias de mobilizaçom para deter o drama do desemprego ou se, pol contrário, haverá que subir um degrau e explorar outros métodos de pressom.

cifra ainda crescia no Estado, ainda que na Galiza já vinhese diminuindo desde antes -mas com flutuaçons-. Isto quer dizer que, em contra dos que proclamam que a reforma laboral conseguiu ser um dique para o desemprego, a realidade é que a gente até deixou de procurar emprego. O jeito mais simples de vê-lo é verificar o número de ocupados: quase 500.000 pessoas menos no Estado ou, o que é o mesmo, umha diminuiçom de quase um ponto na taxa de ocupaçom. Na Galiza, esta taxa diminuiu ainda mais do que no Estado, quase um ponto e meio, com 41.500 ocupados menos.

Culpa da reforma ou da crise?

Existe uma relaçom causal entre reforma laboral e a destruiçom de emprego? Que ambos os fenómenos sejam contemporáneos ou se sucedam nom implica necessariamente umha relaçom de causalidade. Este é o argumento que dalguma maneira esgrimia a própria ministra do Emprego quando responsabilizava pola subida do desemprego à recessom económica, desligando-a da reforma laboral. Que numha época de contrataçom da atividade económica medra o desemprego, nom se lhe escapa a ninguém, aí nom falta razom à ministra. Porém, realidade é que, como avisárom sindicatos e economistas -mesmo defensores da reforma, como o secretário geral da OCDE-, a norma fomenta de facto a destruiçom de emprego, pois abarata o despedimento e fomenta a contrataçom em precário. Eis o significado de “flexibilizaçom”.

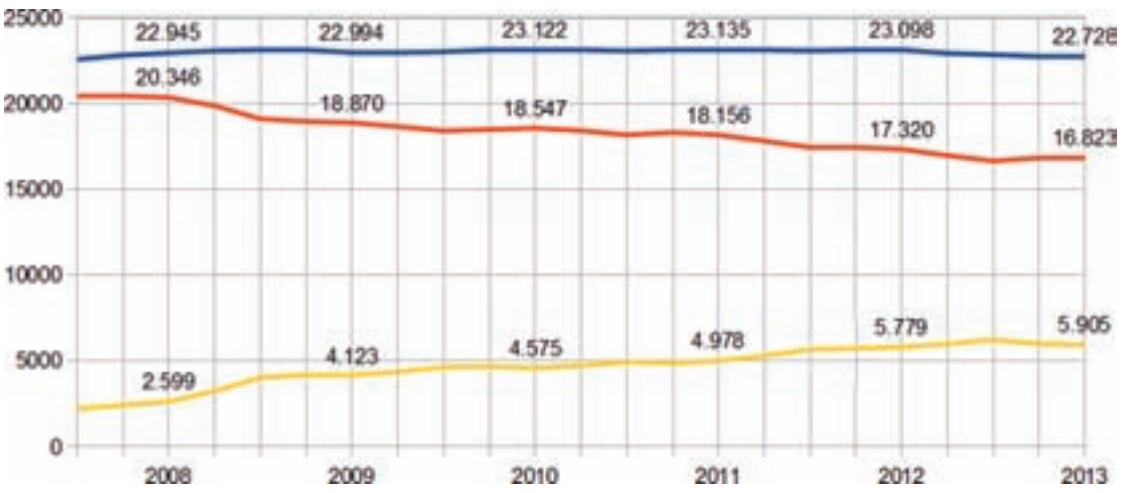
Quanto ao despedimento, generalizou o “despedimento objetivo” -20 dias por ano trabalhado e um máximo de 12 mensalidades- quando as empresas demonstrarem perdas ou reduçons nos lucros. Assim, sob estas condiçons bastante habituais no mundo da empresa, os patrons podem evitar o “despido improcedente”, mais caro que o “objetivo”. Mas, para facilitar ainda mais as cousas ao empresariado, os despedimentos improcedentes também fôrom abaratados. A indemnizaçom recebida passou a ser de 33 dias por ano trabalhado e com um máximo de 24 mensalidades, contra os 45 dias por ano e 42 meses que regiam antes. Além disto, os EREs já nom precisam de autorizaçom administrativa. Agora é a empresa que decide unilateralmente após um pequeno prazo de “consultas” com os trabalhadores em que nom tem porquê haver acordo.

Por último, quanto à contrataçom, o tempo do “período de prova”, durante os quais a empresa pode despedir sem motivo o trabalhador, foi prolongado. Os “contratos para a formaçom” passárom a durar três anos (antes eram dous) e podem ser aplicados a pessoas de até 30 anos. Ademais, agora o Estado beneficia com deduçons fiscais e outros incentivos às empresas que contratem novo pessoal tem -que estará em período de prova- e, particularmente, desempregados que estiverem a receber prestaçom contributiva. Isto dificulta a contrataçom de desempregados que já perdérom a prestaçom, por serem mais caros para as empresas.

A nova reforma laboral

As alteraçons que introduzirá a nova reforma laboral que está a preparar o executivo de Rajoy som ainda umha incógnita. Os balons-sonda lançados polo PP só deixam claro que a norma “aprofundará” na reforma de 2012 para cumprir os mandatos da *troika*. As declaraçons do ministro da Economia, Luis de Guindos, deixam entrever que se está a caminhar cara o modelo alemám dos *mini jobs*: contratos breves e de poucas horas. Trabalho precário, sim, mas que permite reduzir os dados do desemprego nas estatísticas a curto prazo. Todo augura um novo êxito da política laboral do Partido Popular.

EVOLUÇOM DA ATIVIDADE, OCUPAÇOM E DESEMPREGO NO ESTADO ESPANHOL



EVOLUÇOM	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Taxa de actividade (%)	59,95	59,81	60,08	60,11	60,12	59,59
Taxa de ocupaçom (%)	53,16	49,09	48,19	47,17	45,08	44,11
Taxa de desemprego (%)	11,33	17,93	19,79	21,52	25,02	25,98

CULTURA

"Resulta mui enriquecedor procurar com a cidadania soluçons diretas e ferramentas para a participaçom"

ENTREVISTA COM A COOPERATIVA 'HÁBITAT SOCIAL'

"Num momento de reformulaçom profissional pareceu o mais acaído juntarmos forças"

A. L. / A cooperativa Hábitat Social, da cidade da Corunha, define-se como um grupo heterogéneo de profissionais, especialmente em campos como a arquitetura ou o urbanismo, que se centra na construçom social do hábitat para melhorar as relaçons entre as pessoas e as destas com a sua contorna. Obradoiros de bio-construçom, encontros participativos nos bairros da cidade, rehabilitaçons... a experiência d coletivo recolhe várias perspetivas e reflexons, como a da necessidade de voltar a dotar de significado o termo 'público'. Ante a progressiva desapariçom da vida comunitária nas urbes, a procura e a experimentaçom de modelos de participaçom social nas cidades revela-se urgente, e som estas algumhas das veredas polas que pretende abrir-se passo este coletivo

Em Hábitat Social coincidides pessoas de diversas trajetórias. Que vos levou a juntar-vos e começar a trabalhar neste projeto?
Todos nós levávamos uns anos trabalhando nos mesmos eidos e coincidindo em vários espaços e projetos. Ainda que nom leváramos a mesma formaçom ou trajetórias, os objetivos convergiam cada vez com maior frequência. Num momento de reformulaçom profissional pareceu o mais acaído juntar forças e promover projetos próprios.

Por que formar umha cooperativa? Que vantagens vos permite este 'status'?
O regime cooperativo é a forma legal compatível com o nosso modo de entender umha profissom que deveria aportar soluçons para e com a gente, priorizando a colaboraçom sobre a competiçom, permitindo sempre somar forças e complementar visons. Internamente permite que no espaço de trabalho se reparta por igual a responsabilidade e que as decisons cheguem por consenso.

Falades de repensar o conceito de 'público'. Quais som as conotaçons negativas que topades neste termo e por qual um novo conceito de 'público' apostades?
Se falamos de repensar o conceito de "público" nom é para reformulá-lo, senom para potenciá-lo e recuperar o caráter que deveriam ter os espaços com essa caraterística. É um termo que às vezes nom se emprega bem, por estar colonizado, por ser restritivo, por estar vigiado, ou mesmo por ser privado. Cremos que em geral se deve facilitar a presença e uso cidadao e o aceso e uso livre.

Entre as vossas atividades realizastes obradoiros de construçom natural. Este tipo de saberes também som úteis para as pessoas cujo hábitat é umha urbe como A Corunha?
Por suposto, e deveriam ter mais importáncia por ser um emprazamento muito mais agressivo com a natureza. Em qualquer umha intervençom pode-se agir com critérios de construçom natural, desde o fornecimento de materiais até os critérios de aplicaçom. O uso de materiais do lugar, materiais naturais, sistemas de construçom tradicional, dam saúde à construçom e nom contaminam o entorno.

Também colaborastes no projeto 'A Cidade dos Bairros'. Que vos aportou esta experiência? Que atividades desenvolvestes com a vizinhança?
Foi um projeto mui enriquecedor em que trabalhárom muitos coletivos e estudos no análise da cidade e no achegamento à cidadania de dinâmicas participativas, de influência direta sobre o seu bairro.

Além de trabalhar junto a coletivos (parte da cooperativa daquela estava espalhada em dous deles), sempre resulta mui enriquecedor trabalhar para a cidadania contando com ela desde o primeiro minuto, para ofertar soluçons diretas e ferramentas para a participaçom. O satisfatório é que podam formar-se processos autónomos que continuem com total independência. Assim ocorreu em Feáns com a criaçom de umha associaçom de hortas urbanas. Também pudemos trabalhar mui ativamente com os vizinhos do Portinho; com as associaçons dos Malhos e Sagrada Família e com as pessoas usuárias das Xúbias.

Através do fenómeno das hortas urbanas estám a dar-se passos cara a umha hibridaçom da cidade e o rural. Que opinades deste tipo de processos? Por outra banda, pensades que em espaços urbanos como os bairros podem dar-se relaçons comunitárias similares às tradicionais do rural galego?
Polo geral essa hibridaçom é ou bem fruto de processos espontáneos e pontuais, ou terrenos pendentes da execuçom de algumha figura de planeamento, que costuma resultar umha "urbanizaçom" do rural. Cremos que a cidade deve aprender da vida rural e o rural das oportunidades da cidade.

As hortas urbanas foi um exemplo de conexom de recursos do rural e demanda dos cidadaos. A iniciativa tivo êxito porque deu soluçons às pessoas usuárias, proprietárias e às terras. Leva quatro anos em funcionamento autónomo, o que quer dizer que há gente involucrada e que o processo nom precisa de ajudas externas.

Umha diferência importante entre o espaço urbano e o rural é que o segundo costuma acolher quase quaisquer usos, seja mercado, baile, deporte, etc, e na cidade estes usos estám designados para espaços concretos; e nom sempre se encontram facilidades para sacar estas atividades à rua.

Considerades que o vosso trabalho deve ir acompanhado das instituiçons ou que deve ser totalmente autónomo?
O ideal para qualquer um processo é que nom tenha dependências externas. Um projeto fai-se forte ao nascer e desenvolver-se com a ilusom dos que o promovem, que só dependa da força das usuárias favorece a sua sustentabilidade.

O Apalpador percorrerá mais um inverno as ruas da vilas e cidades

REDAÇOM / O Apalpador, o velho homem do Courel que baixa das montanhas nas datas do solstício de inverno, já anda a percorrer as ruas das cidades e vilas da Galiza para comprovar se as crianças galegas comêrom bem durante o último ano. Segundo pudo saber o NOVAS DA GALIZA, o carvoeiro visitou a 20 de dezembro a Escola Oficial de Idiomas da cidade de Lugo, onde também se deslocará ate o centro social Mádia Leva! o vindeiro 27 de dezembro.

Umha das pioneiras em convidar o Apalpador a percorrer as ruas da sua cidade, a compostelana Gentalha do Pichel, também este ano chamou por ele para que no seu cíclico descenso das montanhas se achegasse até a capital do país. O Apalpador há de estar presente nas ruas de Compostela na tarde do dia 21 de dezembro, por onde sairá de ruada acompanhado de ajudantes que repartirám castanhas. Para mais, o velho do Courel contará com umha especial presença este inverno na cidade de Compostela pois a Escola de Ensino Galego Semente organiza um acampamento que decorrerá entre os dias 23 de dezembro e 8 de janeiro e que terá como temática principal a figura do Apalpador.

Também nas terras de Trasancos terá que fazer paragem na sua infatigável rota anual este homem barbudo, tendo umha agenda de cinco dias que lhe elaborou a Fundaçom Artábria e que conta com atividades em diversos lugares da cidade de Ferrol. Assim, entre 17 e 20 de dezembro o Apalpador visitou diversos colégios da localidade e preparou-se para o dia 22 andar de ruada pola tarde nos bairros do Esteiro e da Madalena.

Também o centro social Gomes Gaioso, na Corunha, nom se esqueceu neste solstício da figura do Apalpador e celebrará o sorteio de umha cesta antinatal o vindeiro 21 de dezembro, no qual se obsequiarám números a quem acoda disfarçado com a indumentária do mítico carvoeiro do Courel.

Entregada a primeira ediçom dos Prémios Galegos da Música

REDAÇOM / O dia 13 de dezembro celebrou-se no Paço de Cultura de Ponte Vedra o ato de entrega dos primeiros Prémios Galegos da Música Martim Códax, promovidos pola Associaçom de Músicos Ao Vivo. Estes galardons nascêrom neste ano 2013 com o objetivo de reconhecer a diversidade e a qualidade das produçons musicais galegas, chegando a apresentar-se a estes prémios um total de 500 projetos musicais dos quais se escolhêrom 39 finalistas para um total de 13 categorias.

Assim, as iniciativas ganhadoras nessa velada pontevedresa fôrom as seguintes: Eladio y Los Seres Queridos, na categoria de pop e indie; NARF, em rock, blues, funk&soul; Abe Rábade Trio, em jazz e músicas improvisadas; Dios ke te Crew, em hip-hop e músicas urbanas; Taller Atlántico Contemporáneo, em música clássica e contemporánea; Berrogüetto, em folque; Treixadura, em música tradicional galega; Banda Crebinsky, em músicas do mundo; Mamá Cabra, em música infantil; Das Kapital, em eletrónica; Machina, em metal; Transilvanians, em reggae, ska&mestizagem, e A Magnifique Band, em orquestras, grupos e música de verbena. Além destas categorias, também foi entregue o Prémio de Honra de Músicos Ao Vivo ao baterista Antonio Cruz Arévalo 'Peri', quem fijo parte de Los Tamara entre outras formaçons musicais.

Primeira traduçom galega íntegra do ‘Ulysses’ de James Joyce

A TRADUÇOM À NORMATIVA ILG-RAG BOTARA A ANDAR EM 2004

REDAÇOM / A editorial Galaxia vem de publicar a traduçom à norma RAG do galego do Ulysses de James Joyce, considerada como umha das obras mestras da literatura universal e publicada originalmente em 1922. Esta obra rachara com todos os esquemas, literários e mesmo morais, da época sendo boa parte da narraçom um constante monólogo interior que introduz ao leitor num dia na vida de Leopold Bloom ao longo das suas 1000 páginas. O dia em que se desenvolve a açom corresponde a 16 de junho de 1904, na cidade de Dublim, data que ainda a dia de hoje se celebra baixo o nome de Bloomsday, reproduzindo o vagar da personagem polas ruas da cidade irlandesa.

Esta nova ediçom do clássico de Joyce que a editorial Galaxia vem de tirar do prelo contou com quatro pessoas na equipa de traduçom: Eva Almazán, María Alonso Seisdedos, Antón Vialle e Xavier Queipo. O trabalho de traduçom ao galego estendeu-se oito anos, nos quais a coordenaçom deste labor estivo nas maos de Carlos Lema, integrante da equipa editorial de Galaxia.

O primeiro achegamento da literatura galega à novela de James Joyce ocorreu em 1926, quando o galeguista Ramom Outeiro Pedraio publicava na revista Nós a traduçom ao galego de diversos fragmentos da novela. Estes textos também foram publicados pola Galaxia, em 2004, ano em que botou a andar o projeto agora rematado de traduçom do Ulysses na sua integridade.

Revista ‘Luzes’ visa ser “um facho que alume entre a névoa”

REDAÇOM / O ascenso da extrema direita na França, o debate sobre a independência, as entranhas da Operaçom Carioca, ou a crónica da viagem a Madrid da companhia teatral Chévere, som alguns dos conteúdos com que se apresenta no seu primeiro número a revista Luzes, dirigida polos jornalistas Manuel Rivas e Xosé Manuel Pereiro e coordenada por Iago Martínez.

“Gostaríamos de ser um facho que alume entre a névoa que atolda a informaçom, que aclare as negruras que nos ocultam mundos e existências tam necesárias como o pam”, reza o seu manifesto fundacional. Luzes pretende reivindicar a melhor tradiçom do jornalismo, “que diz as cousas como fôrom, nom como convém”

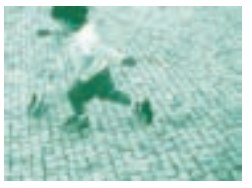
As 132 páginas a toda cor de Luzes sairám à rua cada mês por um preço de 10 euros nos quiosques. A revista chama a reflexom, centrando-se na realidade política ou cultural. Como nom podia ser doutro jeito com a sua periodicidade e tamanho, a nova publicaçom do jornalismo galego promete ressementar os géneros jornalísticos com a maior dose de literatura posível. Tudo, com um desenho gráfico que lhe dá um lugar central à fotografia e à imagem.

DESPORTOS

NURIA RIVES: BRONZE NO MUNDIAL DE PATINAGEM

A patinadora galega Nuria Rives integrante no grupo de Show da Fundació Blanes adjudicou-se junto com as suas companheiras de equipa a medalha de bronze no Campeonato do Mundo de patinagem artística disputado na cidade de Taipei.

MAIS REPRESSOM NA "LEI DE SEGURANÇA"



Praticar jogos ou atividades desportivas em espaços públicos nom habilitados poderá ser sancionado com multas de entre 100 e 1.000 euros. Planificar apupos ao hino espanhol será considerado como infraçom grave, e será penado com sançons de 30.001 a 600.000 euros.

Ondas de morte na Galiza

A. RUA NOVA / Galiza conta com mais de 1.500 quilómetros de costa, e um litoral privilegiado para os desportos aquáticos. Temos numerosos areais e rompentes que reúnem umhas condiçons perfeitas para a prática do surfe durante todo o ano. A característica das nossas ondas é a sua enorme força e a grande quantidade de água que empurram, formando tubos espetaculares, que os e as expertas comparam com os que se vem nas costas australianas, onde o surfe é vivido como algo mais do que um desporto, como umha forma de vida. Pensava-se que na Galiza carecíamos de ondas gigantes, como a de Nazaré, em Portugal que pode chegar a atingir uns 30 metros de altura, e que se converteu num santuário para os e as surfistas mais atrevidas de todo o mundo.

Esta ideia mudou para sempre no passado domingo 27 de outubro. Esse fim de semana anunciava-se a chegada dumha forte borrasca do atlántico Norte até as costas galegas. Enquanto os barcos pesqueiros ficam amarrados em porto, duas expediçons de surfistas, umha galego-portuguesa organizada por JetGalicia e outra basca, preparam-se para faenar. Queriam estudar a formaçom dumha onda gigante, que rompe na Costa da Morte, perto de Corme batizada polos pescadores galegos como A Tremosa. O seu nome procede das três pedras (três ursas) que formam a cordilheira sobre a que racha a onda.

Quando a expediçom chegou ao ponto eligido ficou expectante ao impacto da borrasca, e as condiçons no mar mudárom rapidamente. Houve ciclos de ondas que passárom dos 10 metros de altura, e algum ciclo puido chegar a criar umha montanha de água de entre 15 e 20 metros.

> Enquanto os barcos ficam amarrados, os surfistas saem fainar

Nessas condiçons extremas apenas um par se sentiu preparado para cavalgar as ondas. Foi o surfista português António da Silva e o seu piloto Ramom Laureano. Com um mar embravecido, a sesom de surfe foi dura. Perdêrom algumhas pranchas de surfe e António sofreu várias caídas, mas finalmente atingírom o objetivo que se tinham proposto: surfear umha onda enorme e entubar umha outra. A expediçom mostrou-se mais que satisfeita. Rompêrom o mito de que na Galiza nom havia ondas XXL, puidérom surfeá-las e abrírom o caminho dumha disciplina desportiva nova no nosso país: o surfe de ondas gigantes.

Nenhuma casa, centro social ou bar sem o almanaque LNB 2014 ilustrado polo palanador do eu-návia muriego!

LNB / Espetacular criaçom nova do grande palanador e artista multidisciplinar do Eu-Návia Muriego que, com esta vinheta animalista *http://obruardosbulls.wordpress.com*, nom está a alertar e exortar unicamente a toda a sua franquia dos Bulls, mas a toda a tribo da LNB, da importáncia suprema que tem participar e deixar os dentes e a pele na pista para tentar conseguir a vitória em cada um dos Abertos, sejam estes pontuáveis ou nom, dentro da brutal competiçom bilhardeira. Uma forma de expressar a paixom polo nosso desporto nacional que, mais umha vez, desborda as margens da pista e arranca os chantos das leiras do convencional, a música, a poesia, o teatro, a narrativa... e agora Muriego, o palanador, artesám conserveiro, reivindica o poder da vinheta como forma de expressom bilhardeira para plasmar o passado , estercar o presente e imaginar o futuro. .E atençom, porque Muriego está a trabalhar no seu estúdio radioativo de Tapia num rascunho exclusivo para ilustrar o esperado Almanaque LNB 2014, que vas poder adquirir em Abertos como o do dia 28 de dezembro em Lugo, no Aberto de Siareir@s Galeg@s, ou em qualquer outro que seja realizado nas primeiras datas do 2014... Bilharda Sempre! Nenhuma parede sem o Almanaque LNB 2014!

VELOSO LUITARÁ POLA VOLTA A PORTUGAL

Gustavo César Veloso, ciclista de Vila Garcia, vencedor da Volta a Catalunha e segundo na Volta a Portugal 2013, renovou com a equipa portuguesa OFM-Quinta da Lixa e o seu objetivo é vencer a Grandíssima portuguesa. Veloso contará na sua equipa com a ajuda doutro galego, Delio Fernández. Assim, o ciclista continua a consolidar-se como um referente do ciclismo do país.

O FUTEBOL GALEGO BERROU NUNCA MAIS!

Onze anos depois da tragédia ambiental e social, os estádios de Riaçor, em que jogárom Dépor e Lugo, e Balaídos somárom-se aos milhares de pessoas que protestárom nas ruas contra a sentença do Prestige. Desde o minuto dez, as siareiras e siareiros berrárom Nunca Mais reclamando justiça e dignidade, reclamando responsabilidades políticas frente ao esquecimento e à impunidade.

A imparável luita maratoniana das mulheres

A. RUA NOVA / Em 1896 a cidade helena de Atenas acolhia a celebraçom dos primeiros Jogos Olímpicos contemporáneos em que se incorporou umha das competiçons atléticas mais célebres da história: a maratona. A origem da prova encontra-se no mito da façanha do soldado grego Filípides, que no ano 490 ane, morreu de fatiga após correr desde a cidade de Maratom até Atenas para anunciar a vitória grega frente aos persas.

Mas nos Jogos de Atenas as mulheres nom puiderom correr a maratona. Desde 1896 até 1984 as mulheres tivérom proibido competir oficialmente nesta distáncia porque as federaçons de atletismo e o Comité Olímpico (compostos por homens) consideravam que a distáncia da maratona era "demasiado difícil para as mulheres"; criam "que superava os seus limites" e, em consequência, nom lhes autorizavam tomar a saída.

A luita das mulheres pola igualdade foi umha corrida de resistência, iniciada a princípios do século XX e atingiu a sua primeira vitória em 1972, quando derrotam o machismo e conseguem o direito a participarem oficialmente nas maratonas.

Em 1926 a británica Violet Percy afrontou os 42.195 metros em solitário em 3 horas 40 minutos e 22 segundos. A sua façanha demonstrava que as mulheres podiam perfeitamente correr maratona, e muitas outras atletas do mundo imitárom a británica, mas só podiam fazê-lo de forma oficiosa.

O ponto de inflexom chegou no ano 1967 em Boston. A legendária maratona de Boston também proibia correr às mulheres, mas Kathrine Switzer (Amberg, Alemanha, 1947) decidiu participar. Anotou-se com as suas iniciais: KV Switzer e tomou a saída com o dorsal 261 no meio da multidom. Durante o percurso da carreira, um dos oficiais que fiscalizava a prova descobriu-na e tentou detê-la. Essa sequência foi captada, e hoje é um símbolo na luita imparável das mulheres polos seus direitos. Na imagem vemos ao diretor da maratona empurrando a Katherine para que abandone; apesar disto, Kathrine continua e logra cruzar a linha de meta sendo a primeira mulher que correu umha maratona com um tempo oficial de 4h e 20 minutos. Mas as mulheres ainda teriam de continuar a luitar para poderem acabar com a discriminaçom.

> Kathrine rematou a maratona de Boston apesar da proibiçom da organizaçom

Tivérom que passar ainda cinco anos, e a maratona de Nova Iorque em 1972 foi a primeira em que pudérom participar as mulheres. Até 1984 nom se incorporou a maratona feminina aos Jogos Olímpicos, rematando com 88 anos de discriminaçom. Foi em Los Angeles 84, onde ganhou a americana Joan Benoit, com umha marca de 2 horas 24 minutos 52 segundos. Até hoje pudemos ver excelentes maratonistas, e o recorde feminino está em possessom da británica Paula Radcliffe, que em Londres 2003 parou o crono em 2h 15minutos 25 segundos. Desde 1972 as mulheres podem correr maratona oficialmente. Mas esta nom foi a única barreira que superárom: hoje há muitas mulheres que mesmo competem em ultramaratona (mais de 42km) e em trails de mais de 100km.

Na Galiza a maratona é umha disciplina que atualmente tem excelentes atletas. Alessandra Aguilar, Vanessa Veiga, Maria Jesús Gestido ou Maria Yolanda Guitiérrez som as melhores referentes dumha extraordinária geraçom de maratonistas galegas. O recorde galego continua a estar em poder de Maria Abel Diéguez com 2 horas 26 minutos 59 segundos (Frankfurt 2002). Alessandra ficou 5ª no Mundial de Moscova 2013. Alessandra e Vanessa fôrom aos Jogos Olímpicos de Londres 2012. Maria Jesús é dupla campeoa estatal (2009 e 2013) e Yolanda foi 10ª na maratona de Berlim, umha das mais prestigiosas e competitivas do mundo. O seu exemplo fai que cada dia mais mulheres galegas saiam correr os 42´195 km dumha maratona, mas a batalha pola igualdade é ainda longa.

Nos Jogos Olímpicos de Londres 2012 vivemos também umha imagem histórica: a primeira atleta saudita numhas Olimpíadas. Foi Sarah Attar, que nasceu e mora nos EUA, mas com ascendência saudita, e competiu nos 800 metros lisos. Finalmente as autoridades ultraconservadoras sauditas permitírom participar a Attar, mas em troca de muitas conciçons vexatórias e machistas: "que fosse tutelada por um familiar (varom), que vestisse de acordo com as normas islámicas (todo o corpo coberto exceto as mãos e o rosto) e que nom se relacionasse com homens". E por que autorizárom os sauditas a participaçom dumha mulher nos Jogos? Porque o COI (Comité Olímpico Internacional) ameaçou a Arábia com excluir o país dos Jogos se nom levavam mulheres. A participaçom de Sarah Attar em Londres foi histórica, mas nom podemos esquecer que na Arábia, e noutros países, as mulheres tenhem proibido fazer desporto (só podem praticá-lo de forma clandestina ou no exílio) e a exclussom das mulheres do desporto é um aspeto mais da marginaçom institucionalizada e sistemática.

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar
O Forno · Ginzo de Límia

Arredista
Rodas, 25 · Compostela

CS Almuinha
Rosalia de Castro, 46 · Marim

Artábria
Trav. Batalhons · Ferrol

Aturujo
Principal · Boiro

Bou Eva
Terço de Fora · Vigo

A Casa da Estación
Ponte d'Eume

Casa do Sar
Curros Enríquez · Compostela

CSO Casa do Vento
Figueirinhas · Compostela

CSO A Kasa Negra
Perdigom · Ourense

LS do Coletivo Terra
Boa Vista · Ponte d´Eume

A Cova dos Ratos
Romil · Vigo

Distrito 09
Coia · Vigo

Ateneu Libertário A Engranaxe
Rio Sil · Lugo

Faísca
Calvário · Vigo

Fervesteiro
Adám e Eva · Ferrol

O Fresco
Bº da Ponte · Ponte Areias

O Fuscalho
Frente à Atalaia · Guarda

A Ghavilla
Ponte da Raínha · Compostela

Gomes Galoso
Monte Alto · Corunha

Liceo Murante
Rosalia de Castro · Ponte Vedra

CS Lume!
Rouxinol nº16 · Vigo

Mádia Leva
Serra de Ancares · Lugo

CSO Palavea
Palaveia · Corunha

CS En Pé
Zona velha · Ponte Vedra

O Pichel
Sta. Clara · Compostela

A Revira
Gonz. Gallas · Ponte Vedra

A Revolta do Berbés
Rua Real · Vigo

A Revolta de Trasancos
A Faísca · Narom

Sem um cam
Rua do Vilar, 9 · Ourense

A Tiradoura
Reboredo · Cangas

CS VagaLume
R. das Nóreas, 5 · Lugo

CS Xebra
Leandro Curcuny · Burela

CSO Xuntas
Rua do Carme · Vigo

CS A Zalenvá
R. Carris, Valença · Barbadás

TEMPOS LIVRES

CONSUMIR MENOS, VIVER MELHOR

De minas, desastres e realidades

XAN DURO/ Há poucos dias, escuitamos a sentença do julgamento pola catástrofe do Prestige. O resultado nom surpreendeu. Ali eram julgados três 'mandados' e nom os verdadeiros responsáveis, como som a empresa armadora Mare Shipping, a empresa certificadora American Bureau of Shipping e Rajoy, Alvarez-Cascos e Fernández de Mesa, portanto a absolviçom era previsível.

Por outro lado, o projeto da transnacional EdgeWater para abrir umha mina de ouro a céu aberto na comarca de Bergantinhos pujo de novo o assunto da megaminaria no foco dos médios de comunicaçom. A forte contestaçom social nucleada ao redor da Plataforma pola Defensa de Corcoesto e Bergantinhos e a posterior criaçom da rede ContraMINAcción fôrom as respostas cidadás que permitírom paralisar este projeto e abrir um debate sobre a realidade da minaria e as suas consequências.

E também, ainda que pareça nom ter relaçom, o anúncio da suba do cánon da SOGAMA aos concelhos tem levantado um forte protesto dos concelhos implicados, questionando-se a própria existência da empresa incineradora.

Estes três assuntos apenas som, sem dúvida, sintomas de desoladoras consequências reais e potenciais, mas agromam provocados por umha realidade que costumamos esquecer: um sistema de consumo demencial e inviável.

Assim, questionamos o Prestige polas tremendas consequências ambientais, mas nom questionamos a hiperdependência petrolífera que padecemos, que supom dezenas de milhares de buques de todo o tipo e condiçom navegando polos mares cheios até os topes de petróleo para manter os nossos níveis de consumismo.

Denunciamos, e com razom, o impacto brutal que projetos como a mina de Corcoesto tenhem sobre o território e massas de água, mas esquecemos que o nosso país importa mais de 20 milhons de toneladas de produtos minerais de outros países, que sim tenhem minas a céu aberto, tam poluentes e aberrantes como as propostas aqui.

E berramos contra a SOGAMA, eu o primeiro, e propomos alternativas de gestom de lixo sem dar-nos conta que se nom diminuímos a produçom de lixo de modo drástico, nom há sistema nem alternativa que nom se veja desbordada em pouco tempo.

É positivo trabalharmos nos sintomas, mas se nom enfrentamos as causas, a nossa realidade está abocada a piorar exponencialmente ou seguiremos piorando parasitariamente outras realidades e outros povos. O nosso sistema de produçom e consumo nom é viável nem ética nem materialmente, comecemos a construir alternativas.

ENTRELINHAS

EXORTACIÓN Á DESOBEDIENCIA

LUIS GONÇALES BLASCO

O último livro de X.M. Beiras é uma coletânea de artigos e discursos que resultam de grande atualidade ainda que o mais antigo seja de 2005: a Declaração de Lâncara, pronunciado nesse local ao recolher o prémio "Fazer país" a 22 de outubro desse ano. Este discurso é o *Pórtico* do livro, mas numa "nota limiar" prévia, Beiras explica a génese do mesmo: a começos de 2012 Manoel Santos propusera-lhe selecionar uma série de trabalhos, o compromisso político de Beiras e de Santos fez que a escolha se demorasse até que no fim da primavera de 2013 ambos os dois decidem "parar de dar voltas" e acordarem uma seleção definitiva; nessa altura incorporou-se Manolo M. Barreiro para dar a forma final ao livro.

Depois do Pórtico figuram as *Chaves:* artigos publicados em *Galicia Hoxe* entre janeiro de 2011 e março de 2012 mais quatro discursos: o que dá título a toda a obra, pronunciado na homenagem que se lhe tributou em dezembro de 2011; o intitulado *A navegar en mar aberto!* que é uma versão "retocada" do pronunciado na sessão de clausura da assembleia do Encontro Irmandinho de 12 de dezembro de 2012, assembleia que decide a saída do EI do BNG; a intervenção na sessão de clausura da assembleia constituinte de Anova-Irmandade nacionalista, a 14 de abril de 2012 e o discurso no ato de Anova-Irmandade nacionalista de 25 de julho de 2012. Todos os textos reproduzem-se por ordem cronológica, sejam escritos ou orais.

Encerra o texto de Beiras a sua réplica ao discurso de investidura de Núñez Feijóo a 29 de novembro do mesmo ano, Beiras homenageia o seu amigo Eduardo Galeano intitulando este texto *As veas abertas de Galiza*, este texto forma mais uma parte do livro intitulada *Epílogo provisório.*

Há ainda dous paratextos que completam o livro e que não são da autoria de Beiras: umas *folhas de almanaque* e um *índice temático* que são, ambos os dois, bem úteis. O primeiro vai de janeiro de 2009 a 29 de novembro de 2011 e dá uma visão panorâmica do ocorrido na Galiza -e não sónesse período. A nova cultura política, a rebelião, os movimentos sociais, o 15 M e o movimento indignado são algumas das entradas do índice temático que nos dizem claramente quais são as linhas força da obra e por onde se movem as ideias do autor. Também são muitas as aparições -tanto nas folhas de almanaque como no próprio texto- do Foro Social Mundial, na linha anti-imperialista e internacionalista de uma obra que não por tratar fundamentalmente da Galiza deixa de lado esses aspetos. Não em vão Beiras foi membro do Conselho Internacional do FSM, abandonando este organismo em fevereiro de 2012 ao deixar a presidência da fundação Galiza Sempre ligada ao BNG, este abandono, coerente com o do BNG, não deve deixar-nos esquecer a constante e fundamental atividade de Beiras nas reuniões do FSM desde os inícios do mesmo.

Em minha opinião este livro, pequeno em tamanho, mas muito grande em conteúdos, é uma referência imprescindível na Galiza de hoje, tanto para as suas gentes como para aquelas outras que estiverem interessadas nos nossos problemas. Exorto-vos à sua leitura.

QUE FAZER

17.12.2013 / ROTEIRO POLA MEMÓRIA / 11:45 no CPI Aurelio Marcelino Rey (Rua José María Lastra, 3). CÚNTIS
Organiza A.C. O Fervedoiro. Dirigido para o alunado do centro, mas está aberto ao público. Mais informaçom em *http://ofervedoiro.blogaliza.org/*.

17.12.2013 / PROJEÇOM DE *O COURAÇADO POTEMKIN*, DE SERGEI EISENSTEIN / 19:00 no Ateneu Ferrolano (Rua Madalena, 202-204). FERROL
No Ciclo Eisenstein. Apresentada polo professor e sócio do Ateneu José Torregrosa.

18.12.2013 / JANTADOR EM FAVOR DAS PESSOAS PRESAS/ 15:00 / ATELIER DE REPARAÇOM E RECICLAGEM INFORMÁTICA / 17:00 no CSOA Palavea (Rua Rio Quintas, 31). CORUNHA
Todas as quartas-feiras.

18.12.2013 / "MÉRCORES DE LIMPEZA" DO TALHER RECICLOS / 18:00 no Forum propolis (Rua Barcelona, 115). CORUNHA
Atelier nom comercial e autogerido para ajustar e arranjar bicicletas.

18.12.2013 / PROJEÇOM DE *O HOMEM SEM PASADO*, DE LEE JEONG-BEOM / 18:00, 20:30 e 23:00 no Salóm de Atos da Biblioteca Pública Nodal (Rua Concelho, 11). OURENSE
Organiza o Cineclube Padre Feijoo dentro do 'Ciclo negro e criminal'.

18.12.2013 / PROJEÇOM DE *VIDA DE RATOS E DIETA EM NORTEAMÉRICA*, DE JOYCE WIELAND, E *O SENHOR DAS MOSCAS*, DE VLADIMIR TYULKIN / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG.

18, 19 e 20.12.2013 / XIII JORNADAS 'MOSTRA DE CURTAMETRAXES' / 19:30 no Ateneu Ferrolano (Rua Madalena, 202-204). FERROL
Mais informaçom e programa completo em *ateneoferrolan.blogspot.com*.

19.12.2013 / PROJEÇONS COMENTADAS DE *VIDAL BOLAÑO, UN TEATRO DE AQUÍ E DOS POSIBLES*, DO ALUNADO DO INSTITUTO GELMIRES, E *DOENTES*, DE GUSTAVO BALZA / 20:00 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Com os comentários de Lorena Rei (professora) e um membro da equipa de produçom de Doentes. Na 'Semana de Vidal Bolaño' da Gentalha do Pichel.

LAZER NO NATAL

Passagem de ano na serra de Sam Mamede ou a esperar polo Apalpador na casa?

Os centros sociais e outras associaçons preparam a chegada do Apalpador, mas também há propostas para passar os feriados longe de celebraçons natalícias.
Amigos da Terra oferece estadias no seu centro de educaçom ambiental As Corcerizas, na Serra de Sam Mamede (Macizo Central Ourensám). É possível passar ali o fim de ano por 20 euros e participar em roteiros pola montanha ou ateliers ambientais (velas ecológicas, cosmética natural e/ou elaboraçom de sabões) e de autoproduçom de cogumelos.
O Apalpador vai chegar a muitas localidades em finais de dezembro. Polo momento confirmou a sua presença em Lugo, na Escola Oficial de Idiomas (no dia 20 as 19:00) e no centro social Mádia Leva (dia 27 desde as 18:00).
Aliás, os centros sociais O Pichel, em Compostela, e Artábria, em Ferrol, anunciárom festas de fim de ano. No primeiro dos casos, a festa vai ser temática e de disfarces: há mais informaçom em *http://gentalha.org/*.

SELEÇOM GALEGA

Galiza-Ocitánia no dia 28

Siareiras Galegas volve organizar umha jornada desportiva e festiva na defesa da oficialidade das seleçons galegas. Será no dia 28 de dezembro em Lugo, e vai estar protagonizada polo jogo de futebol Galiza - Ocitánia.
As atividades começam com um jantar, ao que segue um aberto de bilharda (16:00) e a manifestaçom, que sairá às 18:00 da Praça Maior. Remata no Campo do Polvorím, onde vai ser o jogo. A jornada culmina com os concertos (22:30) de A Quenlla, Liska, Sem Resposta e Nao.

LUGO

Curso de fotografia no Mádia Leva

O centro social Mádia Leva (Rua Serra dos Ancares, 18), em Lugo tem previsto realizar no fim das festas um curso de fotografia que durará um mês. Será impartido por Pepe Fontal, professor de Técnica Fotográfica na Escola de Arte, e começa no dia 10 de janeiro.
O horário vai ser nas sextas-feiras de 20:00 a 22:00 e nos sábados de 11:30 a 13:30.
Informaçom e inscriçons em *madialeva.gz@gmail.com*.

19.12.2013 / PROJEÇOM DE *PRINCESAS*, DE FERNANDO LEÓN / 20:00 no C.S. A Revolta (Rua Real, 12). VIGO
Ciclo de cinema feminista.

19.12.2013 / CONCERTO DE TRANSILVANIANS / 21:00 na Capela do Centro Torrente Ballester (Rua Concepción Arenal, s/n). FERROL

20.12.2013 / ATUAÇOM 'A MIÑA PRIMEIRA ROSALÍA' / 21:00 na Fábrica (Rua do Inglés, 11 - Perilho). OLEIROS
Poemas de Rosalía de Castro cantados por María Manuela, Mini, Mero e Xiana Lastra.

20.12.2013 / CONCERTO DE CAXADE E A MAGNIFIQUE BANDE DOS HOMES SEN MEDO / 22:00 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Fim do ciclo 'Máis discos para a máquina', polo aniversário de Discos Da Máquina. Entrada a 5 euros.

21.12.2013 / JANTAR POPULAR VEGANO / 14:30 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO
Em solidariedade com a campanha contra os maus tratos nas prisons. Preço: 3,5 euros.

21.12.2013 / RENACEMENTO III - GOATEQU-E ELECTROTRANCE / 18:00 no alg-a Lab (Caminho da Igreja - Valadares). VIGO
Festejo do solstício de inverno com música eletrónica no laboratório de cultura livre alg-a Lab. Haverá petiscos e bebidas.

21 e 22.12.2013 / VIII FESTIVAL REBULIR 2013 / 19:00 no Polideportivo (Picouto). RAMIRÁS
Atuam grupos de música tradicional galegos, portugueses, asturianos, valencianos e franceses. Organiza Rebulir Cultura Tradicional. Mais informaçom em *http://www.festivalrebulir.com/*.

21.12.2013 / CONCERTO DE TRAPALHADA / 22:00 na Fundaçom Artábria (Travessa de Batalhons, 7 - Esteiro). FERROL

21.12.2013 / SORTEIO DE CESTA ANTI-NATAL E CONCURSO DE DISFARCES / 23:00 no C.S. Gomes Gaioso (Rua Marconi, 9 - Monte Alto). CORUNHA
Sorteio de cesta cheia de produtos galegos e concurso de disfarces do Apalpador.

27.12.2013 / CONCENTRAÇONS POLA LIBERDADE DOS PRESOS INDEPENDENTISTAS / 20:30. BURELA, FERROL, PONTE VEDRA, COMPOSTELA, CORUNHA, LUGO, OURENSE e VIGO
Convocatórias certas em *http://www.ceivar.org/*.

21.12.2013 / JANTAR POPULAR VEGANO / 14:30 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO
Em solidariedade com os projetos culturais da Cova.

28.12.2013 / FOLIADA / 21:00 no C.S. Gomes Gaioso (Rua Marconi, 9 - Monte Alto). CORUNHA
Música, dança e petiscos. Nos últimos sábados de cada mês.

30.12.2013 / ATUAÇOM 'A MIÑA PRIMEIRA ROSALÍA' / 20:30 no Teatro (Praça de Isabel II, s/n). ORTIGUEIRA
Poemas de Rosalía de Castro cantados por María Manuela, Mini, Mero e Xiana Lastra.

03.01.2014 / MASA CRÍTICA / 20:00 na Praça de Maria Pita. CORUNHA
Todas as primeiras sextas-feiras de cada mês, evento ciclista de participaçom aberta.

04.01.2014 / JANTAR POPULAR VEGANO / 14:30 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO
Em solidariedade com Protetora de Animais Sem Fronteiras.

07.01.2014 / CLUBE DE LEITURA / 19:30 no Ateneu Ferrolano (Rua Madalena, 202-204). FERROL
Todas as primeiras terças-feiras de cada mês.

10.01.2014 / CONCERTO 'OS OLHOS QUE FALAM' DE TEMPO CATRO SEXTETO / 20:30 no Salón Teatro (Rua Nova, 34). COMPOSTELA
Organizam a A.C. O Galo, a A.C. Solfa e a AS-PG.

11.01.2014 / JANTAR POPULAR VEGANO / 14:30 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO
Em solidariedade com A Ria Nom Se Vende.

ENVIA CONVOCATÓRIAS ao correio agenda@novasgz.com antes do dia 12 de cada mês. Anuncia os teus atos no NOVAS DA GALIZA.

NOVAS DA GALIZA

Apartado 39 (15701) COMPOSTELA | Tel. 692 060 607 | info@novasgz.com

PABLO MARTÍNEZ, 'NANO', MEMBRO DO CS A REVIRA

Em Ponte Vedra reproduzem-se a diário os velhos clichês sobre a língua

A.L. / O centro social A Revira, na cidade de Ponte Vedra, acaba de fazer 10 anos e celebrou-no a começos deste mês de dezembro com umha série de atividades a que se achegárom perto de um cento de pessoas. A experiência da Revira demonstrou que um projeto em chave de país e claramente anticapitalista pode assentar-se numha localidade com as particularidades de Ponte Vedra. Também nestes anos, este centro conseguiu fazer-se espaço no tecido associativo da cidade, estando também presentes nas protestas contra Ence ou nas convocatórias da Plataforma Anti-touradas.

A Revira fai 10 anos. Qual é a evoluçom deste projeto através de todo este tempo?

Eu destacaria sobretodo as grandes mudanças no funcionamento e na colaboraçom com outros muitos coletivos da cidade. Resulta óbvio que nestes 10 anos de história houvo unha evoluçom muito grande que é visível em muitos aspetos. Há que compreender as diferentes etapas polas que passamos neste longo percurso, com momentos de grande atividade e outros de dificuldades, com centos de pessoas associadas ou apenas umha dúzia, mas sempre ao serviço do movimento popular da comarca.

Quando a Revira iniciou a sua atividade tinhas 13 anos. Começaste a participar com essa idade?

Nom comecei com os 13. Com essa idade começava, como muitos outros, a ser consciente da situaçom do nosso país e como funcionava o mundo ao meu redor, simplesmente comecei a frequentá-lo, a participar nalgumhas das atividades, a recolher colantes, panfletos, publicaçons... Depois foi todo questom de tempo: vas formando-te, tendo maior consciência, botando um cabo... até que compreendes a importância de projetos como este e, por coerência, o próprio corpo já che pede ser partícipe e fazer o que está nas tuas maos para que isto continue. Sinceramente nom seria capaz de dizer o momento exato da minha vida em que "comecei" na Revira, foi um processo gradual.

Ponte Vedra é umha cidade com umhas problemáticas específicas, como as touradas, a Brilat, Ence... que notais de particular nesta cidade e como influi na vossa atividade?

Na minha opiniom Ponte Vedra é umha vila muito peculiar em que, às vezes, resulta complicado o trabalho de umha associaçom como a nossa, mas ao mesmo tempo é possível ter muita repercusom. Além dos conflitos que mencionas, nos quais nom há mais saída que a luita e mobilizaçom sem trégua, há muitas mais particularidades que influem diariamente no nosso labor.

Por um lado, o fato de ser umha cidade principalmente funcionarial, sem apenas tecido industrial, fai que resulte muitas vezes complicada, até frustrante por momentos, a mobilizaçom social baixo uns critérios combativos. Também resulta muito alarmante a situaçom da nossa língua, sendo umha vila em que ainda continuam a ser reproduzidos esses velhos clichês do rapaz do rural que muda a sua língua ao chegar à escola da cidade ou dos avós que mudam de língua para falarem com o neto.

A Revira sofreu recentemente um ataque com grafítis fascistas. Estais a perceber um ressurgimento da extrema direita na cidade?

Nom chegaria a denominá-lo um ressurgimento, nem muito menos, mas sim há grupos de salvapátrias que se juntam de quando em vez para fazer algumha destes disparates. Porém, começam a dar-se situaçons que tempo atrás nom aconteciam e também se percebe uma maior organizaçom. Nom há que esquecer que nom é o primeiro ataque que sofremos, pois já fomos vítimas dum ataque incendiário no outro espaço que tínhamos, nem é um fato isolado, nos últimos anos houvo as sabotagens deste tipo contra lugares ou monumentos emblemáticos da comarca, como o miradouro do Monte Pituco, o monumento aos fuzilados da Caeira, em homenagem a Alexandre Bóveda, ou o recente "aguilucho" que apareceu num monolito aos caidos em Marim.

Como é a relaçom da Revira com o Cámara municipal de Ponte Vedra, a qual está encabeçada polo nacionalismo?

Pode-se dizer que é cordial, mas está limitada a situaçons pontuais. Colaboramos anualmente com eles na organizaçom da Festa da Língua, com a intençom de oferecer um programa o mais completo possível, mas sem atraiçoar umha das bases do projeto desde os seus começos: a autogestom, mantendo-nos em pé em base às quotas das pessoas associadas e das nossas atividades, sem ajuda de nengum tipo. Além disso, ao longo do ano e na nossa atividade quotidiana, apenas temos relaçom, como qualquer outro coletivo, a relaçom é em momentos pontuais e para temas muito concretos.

Samuel L. París

QUANTO MAIS EU BATO NELE, MAIS SE RI AINDA DE MIM

Ser um puto super-herói. Decidir sermos um super-herói.

E ter por barba unha cona peluda e (felizmente) triste de tanto aguentar camareiros que dam mal a volta. E sair nas quintas à noite como se ainda estivéssemos nos (felizes) anos noventa. E esbanjar os nossos (felizes) dinheiros de mentira em mentiras feitas já mentira no amanhecer das mentiras. E que bonita estás! E ter por super-amigos a super-amigas (feliz retorçom de género ai-ai-ai) das quais nom som capaz de desiludir. E guardar numha gaveta de mogno todas as mençons (felizes) sobre o cabelo-cotton de Mandela e o sexo interracial.

Todo isto é um resumo feliz.

Ser um super-herói e transmutar a Constituiçom Hespanhola e enche-la de desenhos de xardas, desenhos de centrais (felizes?) de terceira regional, desenhos dumha iconoclastia imprópria (aqui vai correr o sangue). E também poder esganar com as maos (um a um) a todo quanto deputado esteja vivo (nom estivo mui bem). E nunca passa nada.

Todo isto é um exemplo feliz.

E continuar odiando tanto a esquerda parlamentar como já odiava a esquerda parlamentar antes de ser um super-herói. E continuar odiando tanto as companhias telefónicas, a correçom política, nom poder acabar tirado todo o santo dia, contrassorrir todo o santo dia e, por cima, aturar reler a minha assinatura em papéis que escolhim às más. E, por cima, marchar deste puto país que odeio e odeio tantíssimo.

Ser um estranho super-herói.

E admitir ser umha frustraçom adaptada a um fracasso (feliz) que, a todas as luzes, nom é tal. Sim tal. Nom tal. E beber água benta como garantia de estar a agir de puta pena dia trás dia. E que as gatas sejam como as pessoas com que te topas às três mil da noite na parte de trás da parte de trás (os bigodes). E continuar com os apelidos por determinar: sais cedo à noite, chegas cedo de manhá. E continuar a andar, porque sempre nos ficará a esperança de que, como a vida, todo acaba.

Todo acaba.

A heroicidade. A deceçom. A harmonia. Todo acaba.

Que pouco me duram as luvas de goma e que pouco a felicidade!